

REVISTA DA SEMANA

Edição semanal ilustrada do JORNAL DO BRASIL

Redactor-gerente, DR. CANDIDO MENDES — Redactor-chefe, DR. FERNANDO MENDES DE ALMEIDA — Director-técnico, GASPAR DE SOUZA

Anno III — N. 94

DOMINGO, 2 DE MARÇO

Numero: 300 réis



ORLANDO TEIXEIRA
Extincto em 24 Fevereiro.

HORAS MORTAS

Oico uma estranha voz, lá fora. Engano certo.
Quem, numa noite assim, andara pela rua?
Cada vez mais estranha escuto-a... Já mais perto,
Nulida agora, na minha alma se insinua...
Houve alguém, que ao morrer, me deixou num deserto.
Falar-me-á esse alguém?... Essa voz será sua?
Jo, que meu coração deixaste em chaga aberto,
Vem de ti essa voz que sobre mim actua?
É a voz que escuto, a voz permanece calada;
Abro a porta, a pensar como Poe: talvez seja
Alguém... Fria e corante, entra o quarto a rajada.
Sembro-a ainda outra vez... Fora o silêncio adeja,
É lá fora, ali lá, na larga noite, ainda,
Esta grande saudade intermina boceja.
do "MAGNIFICAT"



Peçam somente FRANZISKANER BRÄU ou CERVEJA PILSENER, ainda... e sempre a melhor cerveja



CHRONICA

A França tem sido sempre o paiz das solennes reparações, assim nas questões internas como quando julga os factos ou os homens de extranhos paizes. O nervosismo e exaltação do seu temperamento, a facilidade em deixar-se empolgar pelas sonoridades de um patriotismo muitas vezes apregoadado por exploradores de má liga, pelos grandes escamoteadores da politica, levam-na a commetter graves injustiças, logo reparadas pela reflexão e pela calma. O povo francez raro age de boa fé nos seus juizos collectivos—persiste no erro por pyrrhonismo. Leal, expontaneo, essencialmente estheta, a verdade e a belleza das cousas e dos espiritos encantam-n'o e seduzem-n'o. Mesmo quando um vento de insania perpassa sobre a nação, desvairando cerebros e desequilibrando consciencias, sempre uma alma forte escapa á vesania para impôr a soberania da justiça imparcial e serena. A ultima palavra é sempre da França, viveiro fecundo de idéas, fonte inexaurível de energias.

Em assumptos de patriotismo accusamos a cada momento a França sem nos lembrarmos de que enfermamos da mesma doença. De resto, todas as nações peccam por excesso nesta delicada materia. Nenhuma pôde atirar á visinha a primeira pedra. E então nós, latino-americanos e, ainda por cima, meridionaes!

De todos os problemas que, a través dos seculos, têm ficado por solver, o da navegação aerea é, sem duvida, um dos mais aptos a deduzir a sentimentalidade dos povos imaginativos, amigos do novo, do sensacional e do imprevisito. Andam tão banaes as cousas da terra, a civilisação de tal arte uniformisou o globo, a sciencia premuniu de tal sorte a creatura contra as sorpresas, que não seria de extranhar uma invasão de *spleen* a toda a Europa culta, com um caracter devastador e mortifero. Os felizes da vida acabam por ser por ella vencidos e o typo immortal creado por Eça de Queiroz—o Jacintho da *Cidade e as Serras*, multiplica-se por fórma a justificar uma nova *causa mortis*. «De que morreu?»—«De massada!»—attestará o assistente.

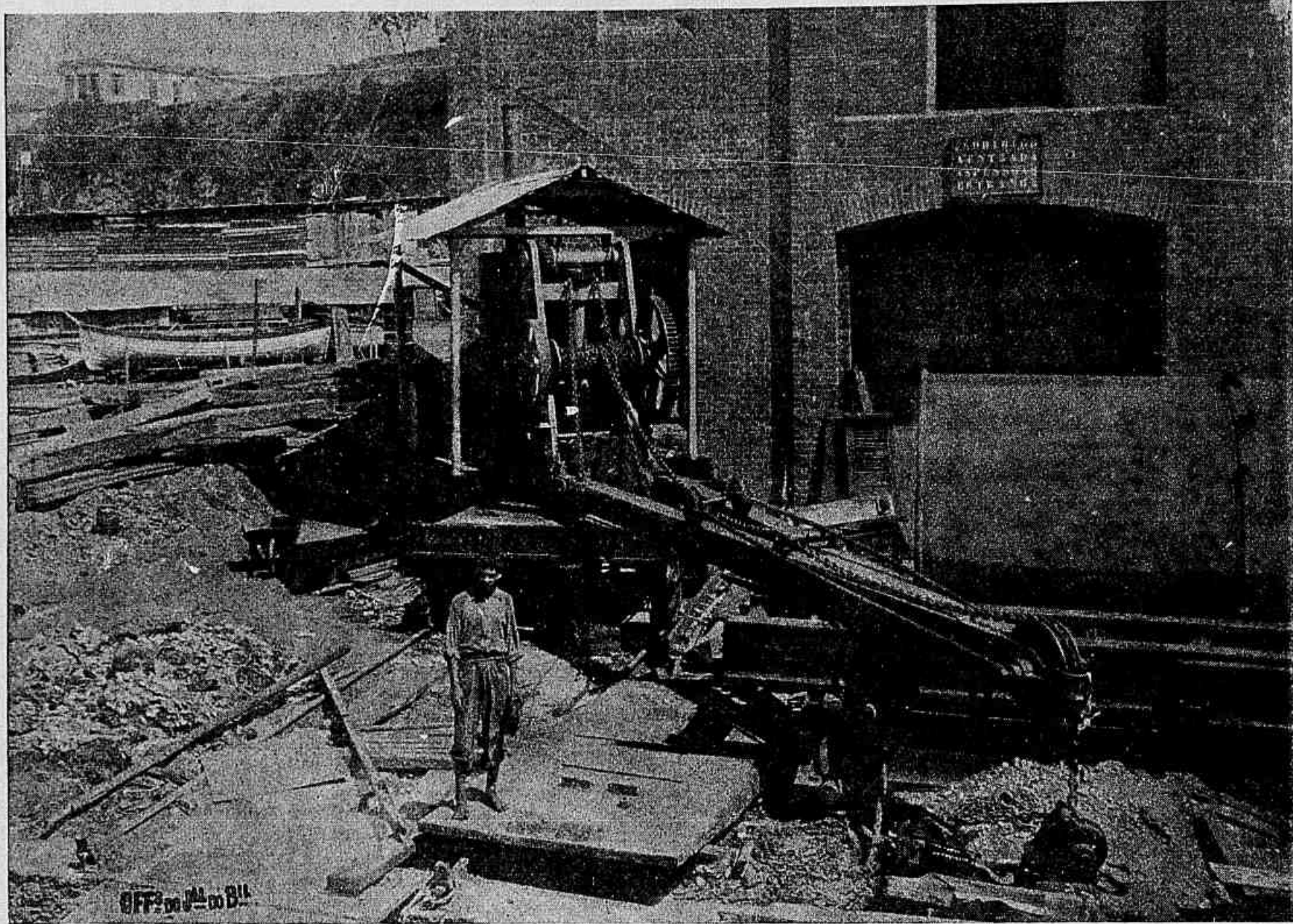
A França suppunha haver conquistado para si, com os irmãos Renard, mais esta gloria scientifica, a maior porventura da idade contemporanea. Não admira pois que, na surpresa do

primeiro momento, soffresse dolorosamente no seu orgulho com a decepção trazida pela admiravel victoria de Santos Dumont. Vêm porém a calma, a reflexão, o bom senso, o sentimento da justiça, innatos nesse povo tão generoso, tão intelligente e tão fino e é um francez quem inicia entre todas as nações latinas uma subscrição destinada a facilitar ao estrangeiro, ao rival, o proseguimento das suas experiencias!

Não acham que tive razão nas primeiras palavras da chronica?

Jacques Bonhomme.

O GRANDE DESASTRE DA MORTONA



Domingo ultimo deu-se, á tarde, na Mortona, um grande desastre, devido á ruptura da corrente principal de um guindaste e do qual resultou a morte de um homem, João Corrêa de Azevedo, ficando gravemente feridos outros tres operarios. (Phot. da Revista da Semana.)

MARIA

Posso lá esquecer tudo isto!...

Um casalejo branco entre arvores. Havia por alli azenhas onde nas noites claras de luar se escutavam não sei que maguas de corações malfadados; e entre altos canigados, o rio—um luminoso fio d'agua correndo sobre as areias de ouro fino—cantava e fugia. Em manhãs de verão era suave olhar a paysagem do alto da ponte. A roupa lavada estendida na verdura da relva, cheirava a sol; o gado melancolico pastava nas collinas; e na frescura consoladora das sebes que as amoras já maduras perfumavam, os idyllos mais adoraveis de candura que os meus olhos têm visto. Por vezes sentia-se o barulho forte dos remos batendo nas aguas silen-

ciosas; e das searas maduras vinha um brilho de ouro vivo e um forte sabor de saude.

Virgilio passava alli compondo doces bucolicas.

Fiquei-me um dia a pensar se seria o encanto deste retalho de paysagem quasi biblica, a amorosa convivencia com os lagos e com as arvores que formaram assim a alma de Maria enchendo-a do profundo sentimento das cousas.

As suas mãos eram alvas como o linho mais puro dos altares, e os olhos, meu Deus, os olhos eram verdes, tão verdes como os da Joanninha do Valle de Santarém.

Já na meninice ella tinha um languido geito contemplativo que fazia scismar, e quando olhava para os altos céos a sua fronte cobria-se de luz. Era então que as almas ingenuas lhe chamavam Nossa Senhora! Ha no coração dos humildes uma tocante candura e uma tão viva intuição da alma humana que entenece e surprende. Maria lembrava bem essa suave judia, branca como os vergeis de açucenas em flôr que ourt'ora encheu as almas de um profundo encanto e que hoje vem perfumando as lendas christãs.

Nas noites escuras, se ella passava, um nimbo de luz ficava clareando os caminhos asperos e até as arvores pareciam rezar.

Era bem Nossa Senhora!

... Nesse tempo estava eu doente na aldeia: e como a encontrasse á beira do casal fazendo renda, escutei-lhe a voz, clara como sinos de ouro e de crystal; cantando na tristeza dolorida dos poentes.

— Maria, quando daqui me fôr embora, heide ter muita pena!

— Pena de quê, meu senhor?

— Não sei: mas heide sentir uma grande saudade destas arvores, desta casinha branca, da minha amiga, de tudo! Vá lá a gente esquecer estas cousas quando ellas penetram toda a nossa vida! Se as perdemos um dia é como quem perde um ser muito amado!

Olhava-me sorprendida com esses olhos que sempre foram o meu enlevo:

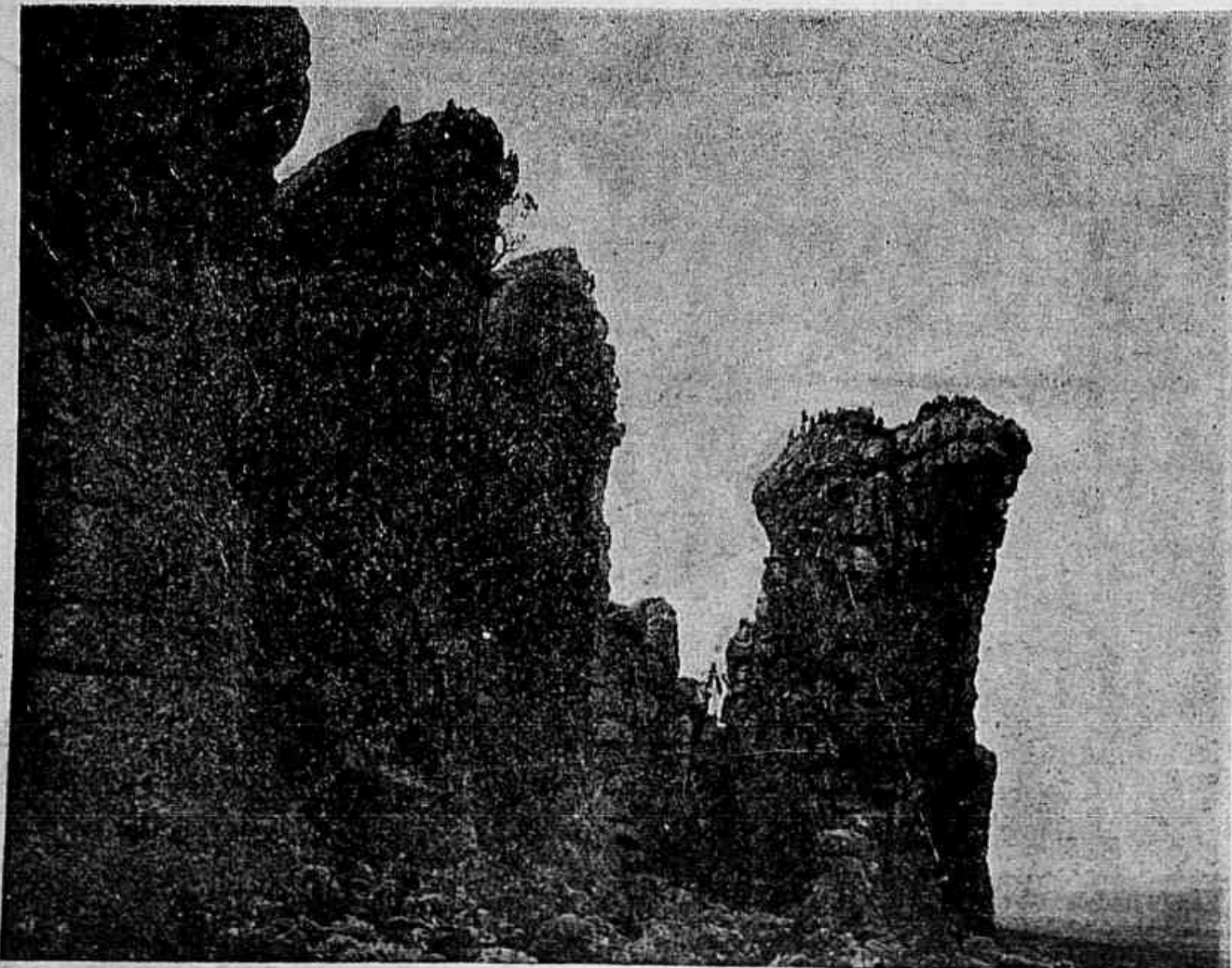
— Ha uma cousa que eu lhe queria dizer: mas tenho medo, porque todas as mulheres a quem fallo nisto costumam rir-se de mim.

— Eu não rio de ninguém!

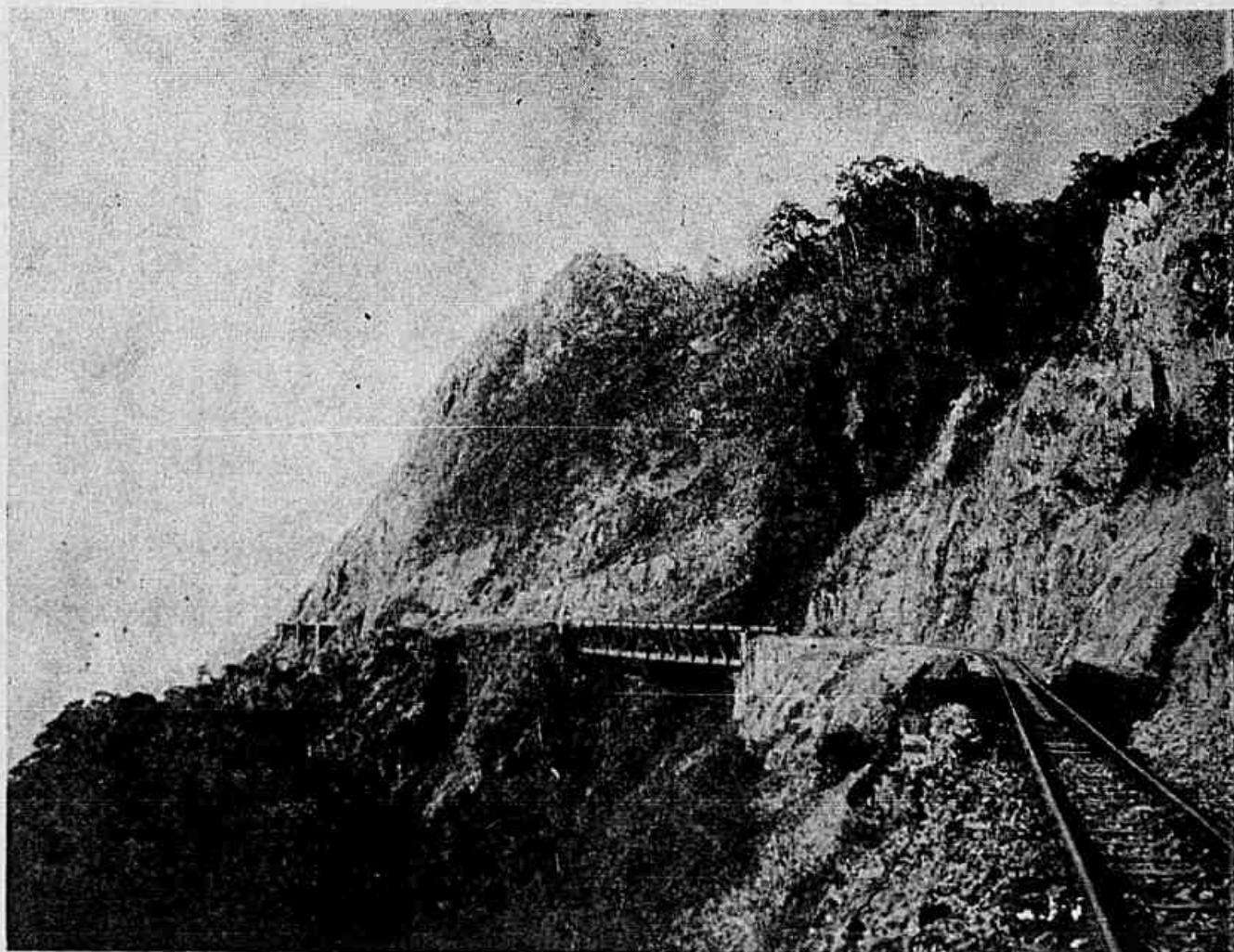
— Queria dizer-lhe que a amo muito...

Parou a renda e ficou a olhar-me com os olhos rasos de lagrimas.

Ella não podia amar, a pobre Maria que per-



A Villa Velha, cidade de pedra natural, perto de Ponta Grossa—Estado do Paraná.



Estrada de Ferro Paraná—O rochedo, com o viaducto Presidente Carvalho.



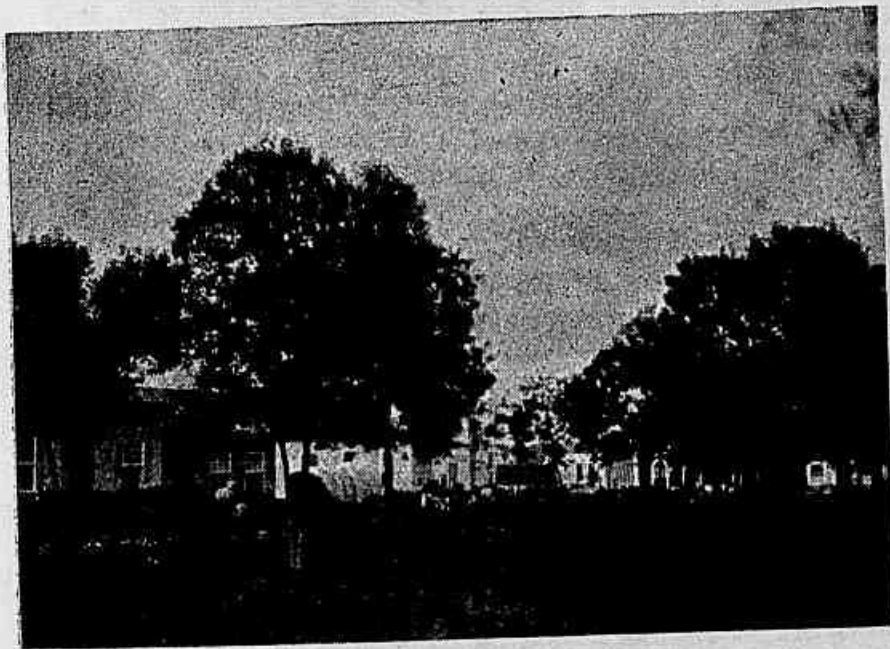
GREMIO FLUMINENSE

No 1º plano — Dr. Candido de Oliveira Filho, presidente, tendo à sua direita os srs. Oscar Werneck, 2º thesoureiro; Carlos Raynsford, director dos concertos e à esquerda Julio Moreira, 2º vice presidente; Sampaio Vianna, 1º secretario. No 2º plano da esquerda para a direita, os srs. Henrique Raynsford, bibliothecario, Cesar Palhares 2º secretario, Pedro de Lamare, 1º procurador, Ernesto Greve, 2º procurador, dr. Benjamin Baptista, do Conselho Director; José Willemssens, director de salão e José Chiappe, do Conselho Director. (Phot. da Revista da Semana.)

fumava tudo á volta de si, como um cabaz de rosas que passasse na pureza do luar.

Com aquelles olhos e aquella virginal alvura, era já do céu.

Foi ali pelo outomno que sua mãe lhe morreu. Logo que os céos começaram a empallidecer e das arvores cahiam já folhas como andorinhas mortas, a mãe de Maria começou tambem a enfraquecer e fechou os olhos, por um poente terno, quando a luz arroxêa a paisagem e as aguas do rio vão quasi exangues. E morta, tinha um riso tão lu-



Praça Tiradentes — Curitiba — Estado do Paraná.

minoso na bocca desfallecida que parecia repousar e sonhar.

O puro corpo que gerou o mais immaculado coração que eu tenho amado, devia ser assim, devia ser do céu!

Quando foi a enterrar entre lyrios que então florião toda a aldeia, Maria quiz acompanhá-la até á sepultura. O caixão desceu ao coval e Maria, com a voz presa de soluços, teve este grito profundamente humano:

— Olha ainda, mãe, olha ainda tua pobre filha que fica sózinha no mundo sem um braço amigo a que se encoste!...

... Posso lá esquecer isto!

João Grave.

Um pae annuncia á filha que deseja casar-se com um pedicuro.

— Isso nunca! exclama a menina, é uma profissão pouco poetica.

— Como, pateta! é a essencia da poesia, pelo contrario. Não se contam os versos por pés?

Entre porteiros.

— O meu inquilino do sexto andar vae casar muito bem; parece que vae aparentar-se com uma grande familia.

— Vamos! mangou elle com você.

— Não senhor, a noiva é a mais velha de quatorze irmãos.

O proprietario do ultimo era um velho gordo e pachorrento.

Não se zangou nem deu por páos e por pedras. Mandou fazer uma taboleta modesta em que dizia:

Este é o primeiro hotel desta rua.

Paf.

ALMA BRANCA

PARA «ORMÉA»

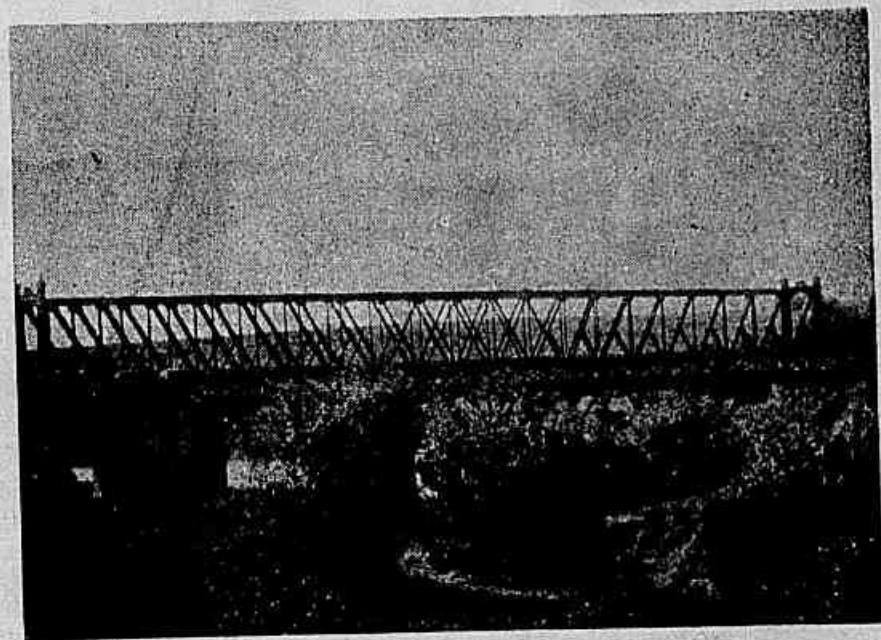
A'lma serena, feita de luares,
Alma de santa, immaculada e piedosa,
Ungida de uma paz religiosa,
No psalterio sagrado dos altares;

Tu que baixaste de allerosos lares,
Para amainar-me a carga dolorosa
D'esta existencia trega e lacrimosa,
Em que me pungem maguas e pezares;

Dêixa cahir consoladoramente
Sobre a minha cabeça peccadora
O resplendor celeste e a doce calma

Dos teus olhos — tranquillo e alvinente
Lago, que á noite, estrellejando, doura
Os pallidos refohos da minh'alma!

Alfredo Britto.



Ponte sobre o Rio Yapó — Castro — Estado do Paraná.

Duas senhoras estão fallando, diante de uma criança, em uma senhora que *comprou dous gemeos*. E a pequena diz, com o serio de uma mulhersinha:

— Sem duvida que comprando dous teve-os em melhor conta.

O galo, diante da chaminé, está roncando com delicia.

— Ai! mamãesinha, diz a pequenita, tire o gato dahi que se vae queimar.

— Porque? está dormindo.

— Pois não ouve? Já começa a ferver.



GREMIO FLUMINENSE — Grupo de crianças que tomaram parte na *matinée* effectuada domingo, 23 de fevereiro. (Phot. da Revista da Semana.)

OS THEATROS

TEMOS enfim uma novidade pelos nossos palcos, sempre tão desertos e abandonados.

O *Quo Vadis*?, tão ansiosamente esperado e tão anunciado, subiu finalmente á scena na sexta feira, no Recreio, desempenhado pela companhia Dias Braga; foi uma enchente colossal que repetiu-se hontem e que, certamente, repetir-se-á por muito tempo.

A peça é posta em scena com capricho, bem ensaiada e sobre o seu desempenho diremos no proximo numero.

No Sant'Anna está em ensaios o drama magico-fantastico do dr. Cunha Salles — *A estatua de Otero*, peça da qual nos dizem maravilhas, devendo subir á scena em principios deste mez.

A companhia da gentil actriz brasileira Cinira Polonio está trabalhando em Petropolis, no theatro Floresta, tendo levado á scena *O principe da Bulgaria* e *A mulher do commissario*, agradando extraordinariamente em ambas.

Está dando os seus ultimos espectaculos em S. Paulo a companhia italiana de operetas Tomba que até meados deste mez deve estréar nesta capital, talvez no Apollo.

No Cassino têm estréado novos artistas que agradaram francamente; em breves dias será renovada a *troupe* deste theatro-concerto.

O Parque Fluminense deu hontem e dá hoje dous magnificos festivaes, revestidos do maximo esplendor, destinados á subscrição Santos Dumont.

O High-Life, o elegante theatriño da rua do Lavradio, continúa muito concorrido e tem bons artistas.

Tambem o Maison Moderne, com o seu bello elenco de artistas de variedades, tem sido muito frequentado.

P. V.

AS NOSSAS GRAVURAS

Actualidade brasileira — O DESASTRE DA MORTONA. — Domingo ultimo, nas officinas do Lloyd Brasileiro, na Mortona, occorreu um lamentavel desastre, que trouxe o luto e o desespero ao seio das familias de quatro honrados operarios daquellas officinas.

Suspendendo um cepo de ferro em um guindaste

A GRANDE LOTERIA

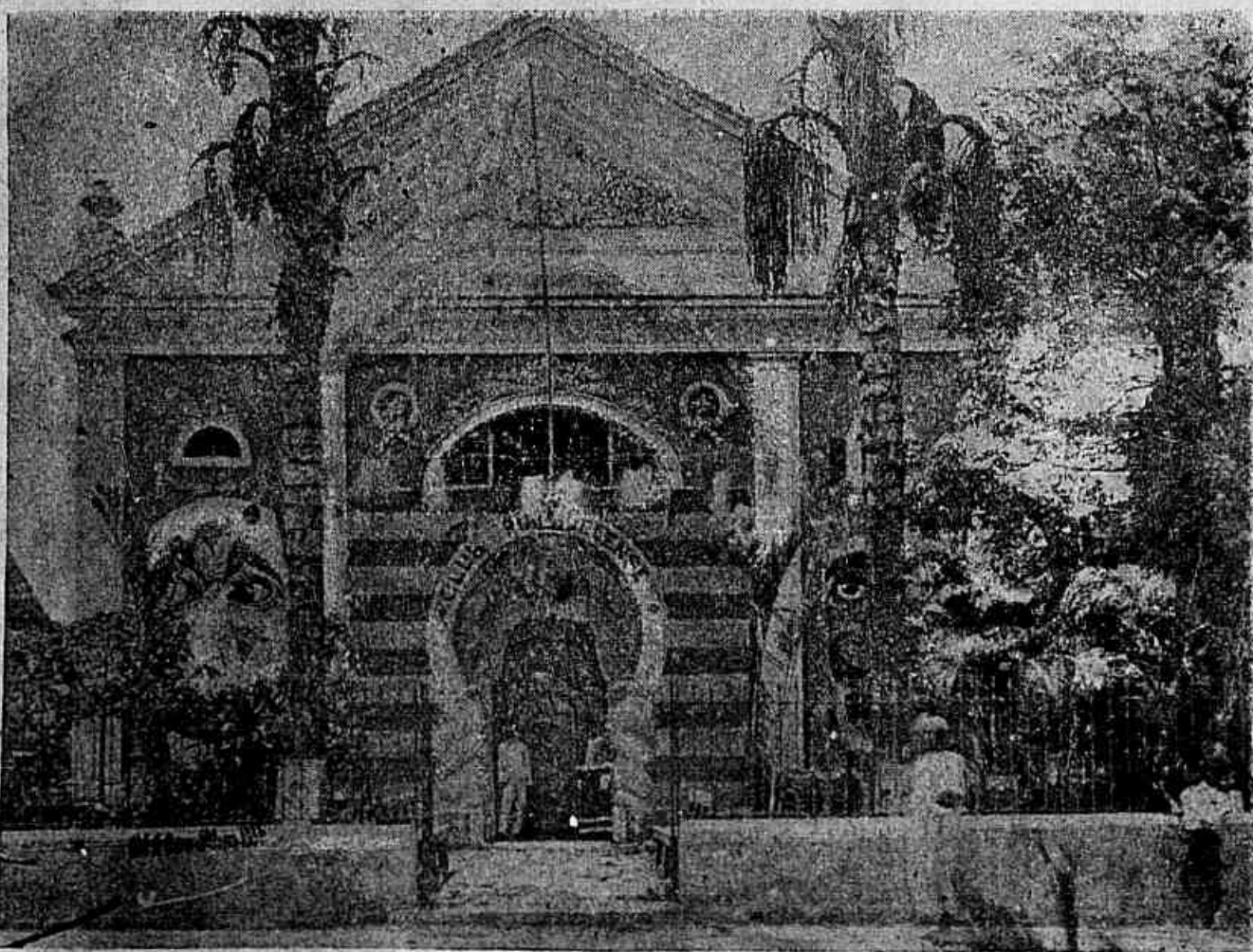


— Anda hoje! Vamos ver quem roda... naturalmente o grande premio fica em casa...

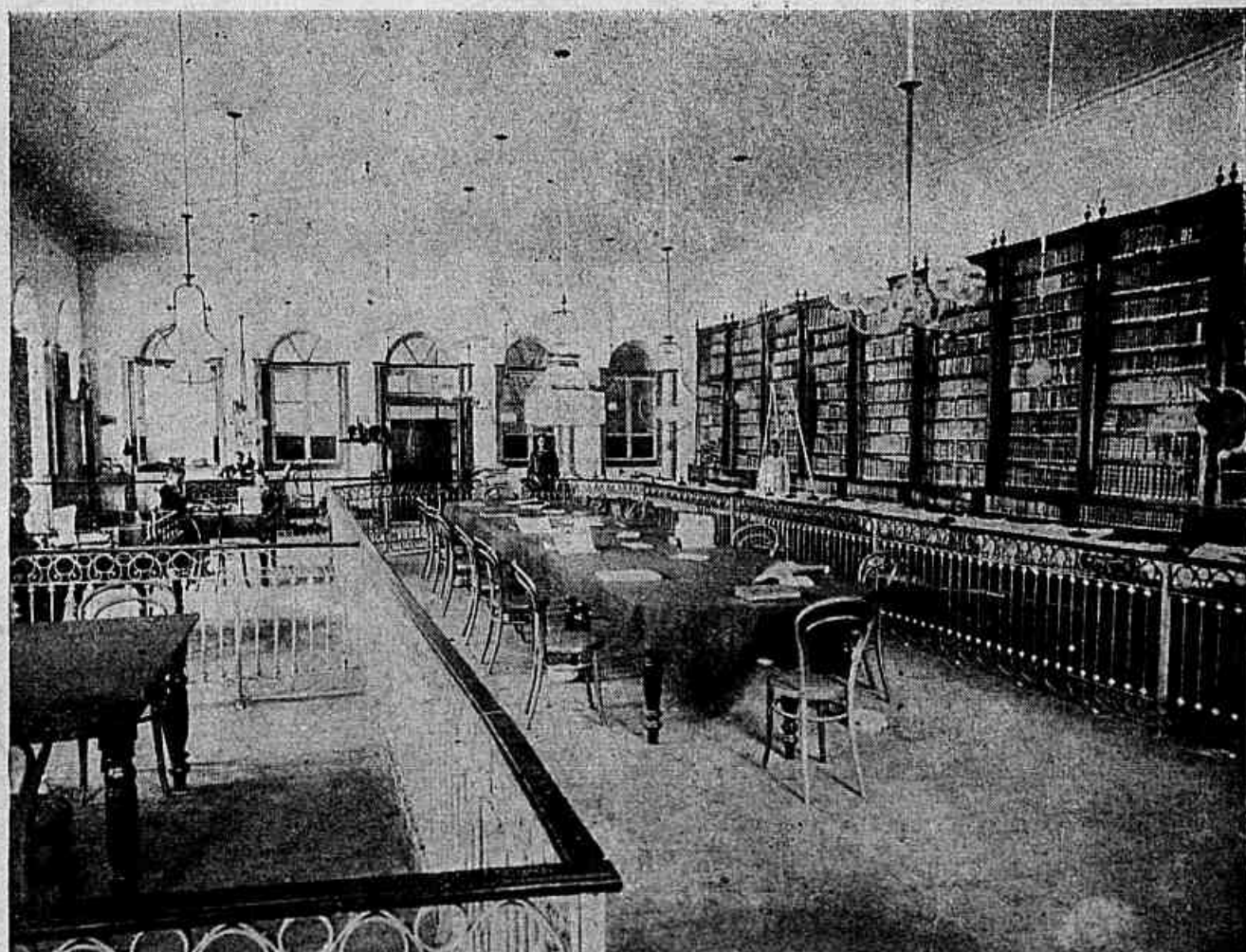
cepo sobre o guindaste, cahiram ao mar, sendo o primeiro a muito custo salvo por um tripulante do vapor *Espirito Santo*, de nome Francisco Ignacio Barbosa, perecendo Azevedo, a despeito dos esforços empregados para salvá-lo.

Uma das paginas do presente numero é dedicada á reproducção da lamentavel occorrenda e uma vista foi tirada do local do desastre, que tambem reproduzimos.

GREMIO FLUMINENSE — Esta distincta sociedade, inaugurada a 25 do mez passado no bairro do Rio Comprido, em luxuoso palacete á rua Malvino Reis n. 124, deu, no ultimo domingo, uma brilhante *matinée* infantil que esteve simplesmente deslumbrante.



A fachada do Club Riachuelense, no Carnaval de 1902.



Bibliotheca publica (interior) em S. Luiz do Maranhão.

achavam-se varios operarios, quando a corrente deste partiu-se cahindo com pavoroso estrondo a pesada mole.

Nem todos os que alli trabalhavam tiveram tempo de fugir; quatro operarios foram victimas do desastre, sendo os de nomes Manuel Domingos Vaz, Carlos Ferreira, José Alves e João Corrêa de Azevedo, feridos todos, gravemente, em varias partes do corpo e na cabeça.

Os dous ultimos, devido á violencia da queda do

Nada faltou á deliciosa festa, todos os attractivos alli se coadunaram afim de lhe emprestar um magico esplendor.

Varios grupos foram então tirados, dos quaes publicamos dous no presente numero: o da directoria de tão sympathica aggremação e o das crianças que tomaram parte na inesquecivel *matinée*.

Os mortos da semana. — ORLANDO TEIXEIRA. — Depois de longos padecimentos foi subjugado pela

tuberculose que de ha muito o minava, este estimado jornalista, comediographo e poeta, que falleceu na terça feira ultima.

Morreu trabalhando, no seu posto de lutador, porque a doença, apesar de cruel, nunca lhe obscureceu o talento, sendo disso prova o seu ultimo livro de versos — *Magnificat*, por assim dizer o seu testamento litterario.

O desventurado Orlando, habitualmente alegre e conversador, cahira nos ultimos tempos, desde a morte da velha mãe que adorava, em profunda tristeza e absoluto recolhimento, vendo-se raramente pelos theatros e rua do Ouvidor, suas estancias favoritas.

Orlando Teixeira era bastante moço e as letras, que já lhe deviam bastante, tinham muito ainda a esperar do seu talento.

POR ESSE MUNDO

No anno de 1901 fabricaram-se na França 30 milhões de kilos de bombons e 35 milhões de kilos de chocolate o que, ao preço medio de 3 francos, dá cerca de cem milhões de francos para cada cousa.

— O *Kleine Journal*, de Berlim, annuncia que se descobriu um novo processo para fabricar aço, que o torna ainda mais forte e custa dous terços do seu preço actual.

— O vapor *Mallacalla*, partido de S. Francisco, abalroou, a poucas milhas das costas da California, em um navio de vela francez, indo a pique pouco tempo depois. Havia a bordo 64 passageiros e 60 homenes de equipagem. Faltam apparecer 27 pessoas.

— Na abertura do tunnel do Simplon trabalham actualmente cerca de seis mil operarios. Os empresarios contam terminar essa gigantesca obra em maio de 1904.

— Em varios hospitaes de França fizeram-se importantes experiencias de um soro contra o typho-soro descoberto pelo dr. Chante, messe. Os resultados foram satisfactorios: segundo parece, 90 por cento dos enfermos inoculados foram curados.

Desde 1885 que o dr. Chantemesse estudava a vaccina.

Agora póde dar-se como demonstrado que todo o enfermo submettido ao tratamento com este soro, nos primeiros dias do accesso do typho se considera salvo; e que a enfermidade, atacada no primeiro periodo, dura uns quinze dias no maximo, depois dos quaes o paciente, sem receiar recaidas, pode recommear a vida normal.

— A cerimonia da coroação de Euardo VII vae

custar, segundo affirma o *Echo de Paris*, a bonita somma de cerca de cem milhões de francos.

— O *Correio da Tarde*, de Milio, acaba de pôr-se em communicação telephonica com Paris. A linha tem 835 kilometros de comprimento.

— A extensão das vinhas francezas, em 1901, era de 1.735.345 hectares e a colheita estava avaliada em 57.963.514 hectolitros.

MODAS DA REVISTA



Modas da Revista. — 1 — Elegante blusa de setim vermelho, collete de panno amarello, rendas de Chantilly pretas, formando um laço na frente.

2 — Blusa para *soirée*, de crêpe de China branco, todo preguiado. A pala é formada com entremeios enfiados de velludinhos pretos.

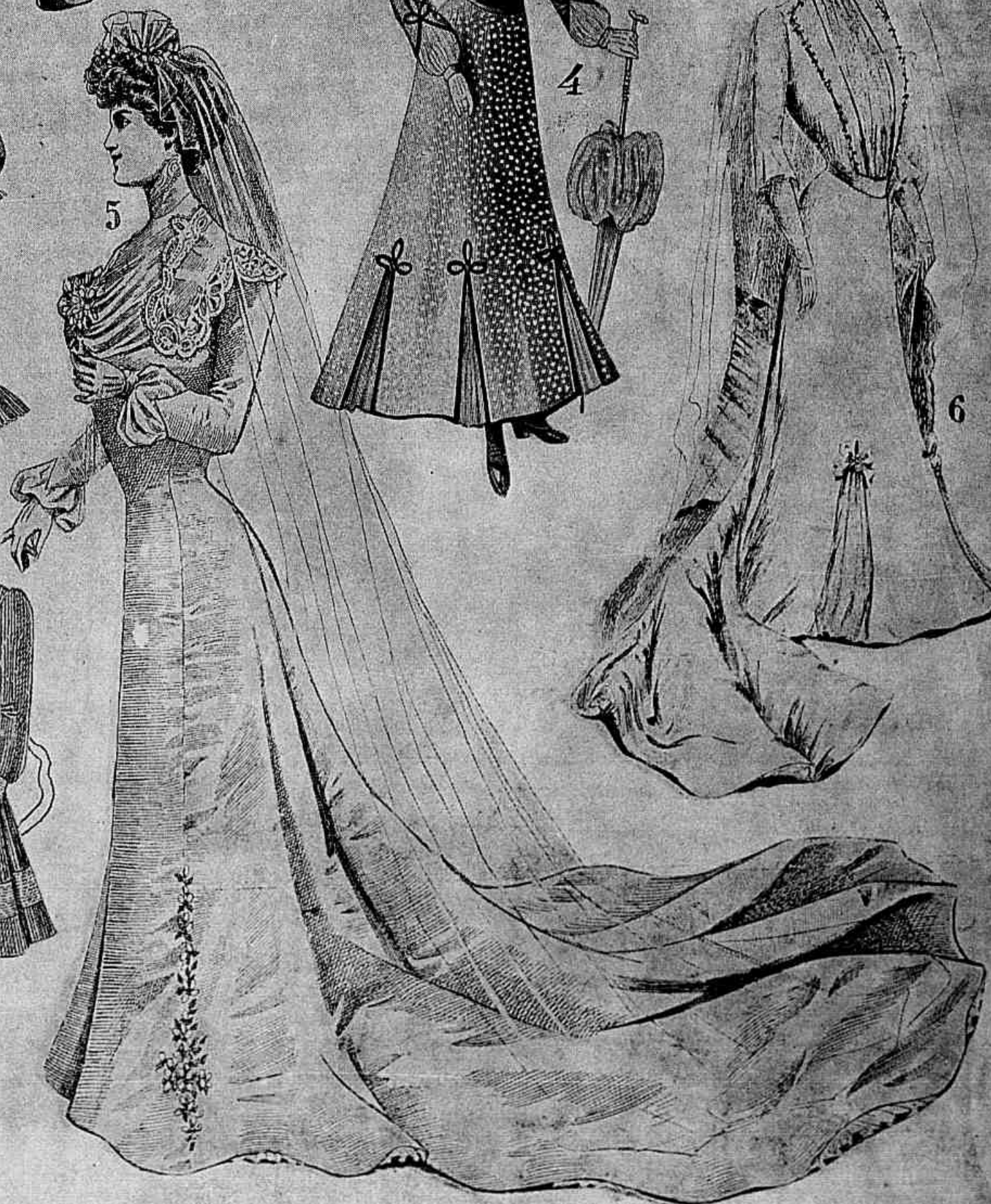
3 — Graciosa blusa de liberty rosa. A frente, toda de pregas, fecha com pedaços de panno guarnecido de lindos botões segurando uma grava de renda.

4 — Vestido para menina de 10 annos, de *foulard* fantasia, enfeitado de velludo estreito.

5 — Vestido de noiva, de chamalote branco, forma princeza.

6 — Vestido de noiva, de setim branco. A saia, com comprida cauda, é guarnecida em baixo, de cada lado do avental, por uma visia de renda acabando com um *chou* de filó, guarnecido de flôres de laranjeira. O corpinho compõe-se de uma só peça e a frente aberta sobre um collete de renda franzida na golla, com abas guarnecidas de flôres de laranjeira. Collarinho alto, mangas até ao cotovello, com punhos de renda. Fazenda necessaria: 20 metros de setim e 75 centímetros de renda.

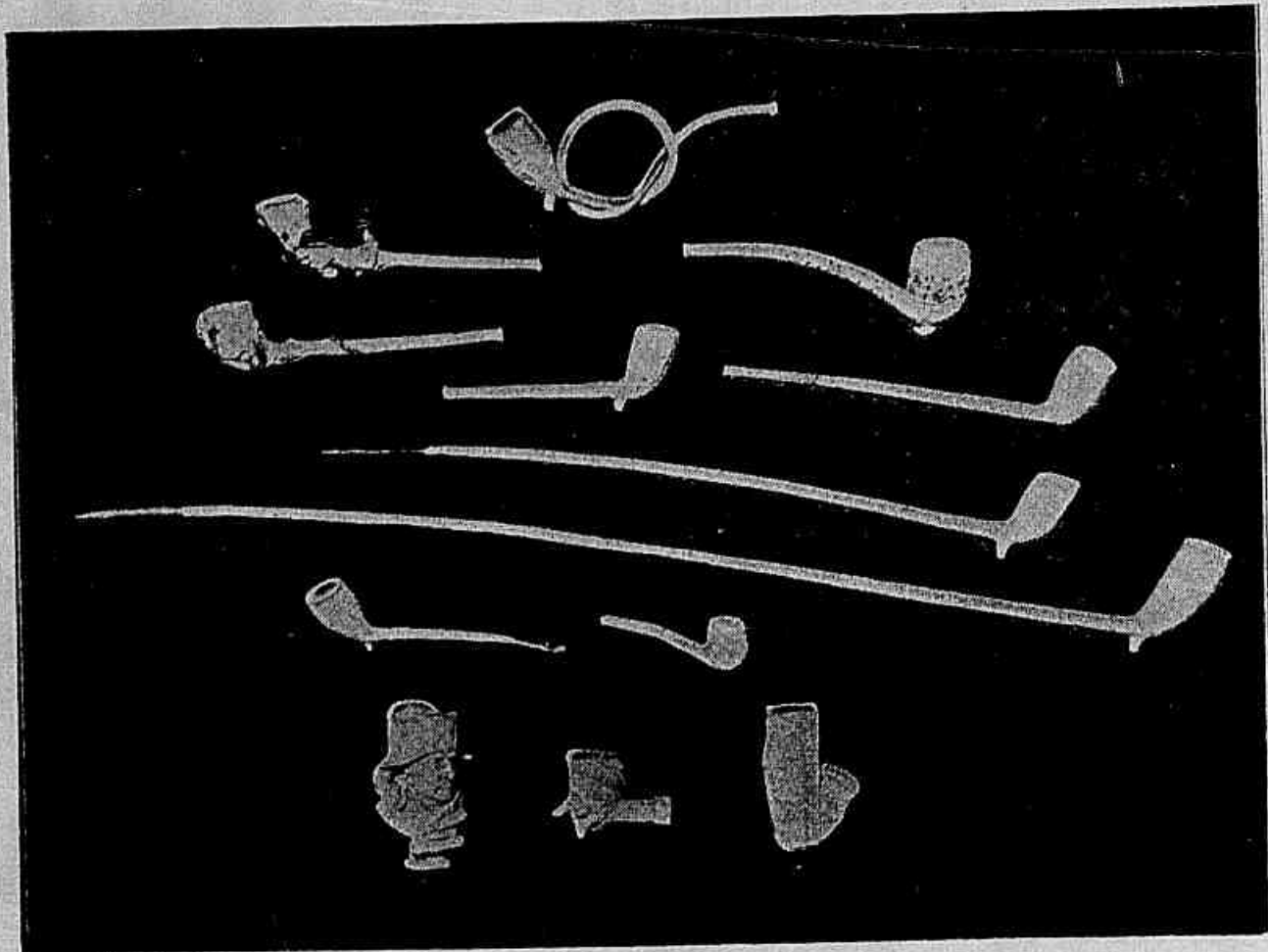
7 — Modelos de vestidos para crianças de 2 a 9 annos.





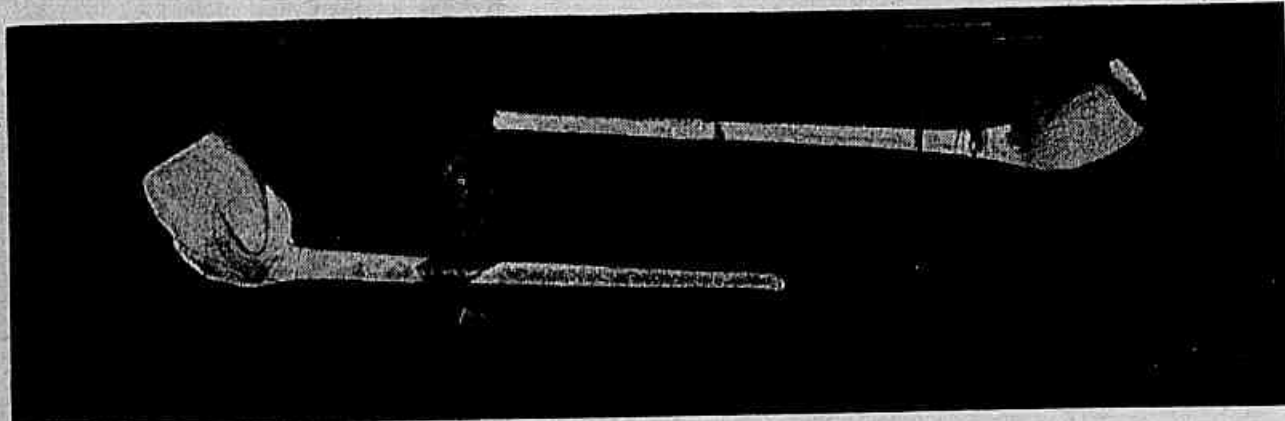
OS CACHIMBOS DO PRESIDENTE

O lerem o titulo deste artigo, em que rapidamente descrevemos uma collecção de cachimbos offerecida ao coronel Theodoro Roosevelt, presidente da Republica dos Estados Unidos da America do Norte, é provavel que os adversarios do tabaco levantem as mãos ao céu, indignados. Descansem! Os cachimbos não são para uso mas para ornamentação; e nas suas chaminés não gerará o demo o vapor odorifero incumbido de introduzir mais algumas grammas de nicotina no systema respiratorio do fumista.



Alguns exemplares artisticos de cachimbos de barro francezes, na collecção Roosevelt.

Nesta época de manias, uma mania nova é sempre bemvinda e, nos Estados-Unidos, a mania do momento consiste em colleccionar cachimbos de barro. O presente feito ao sr. Roosevelt comprehende exemplares da França,

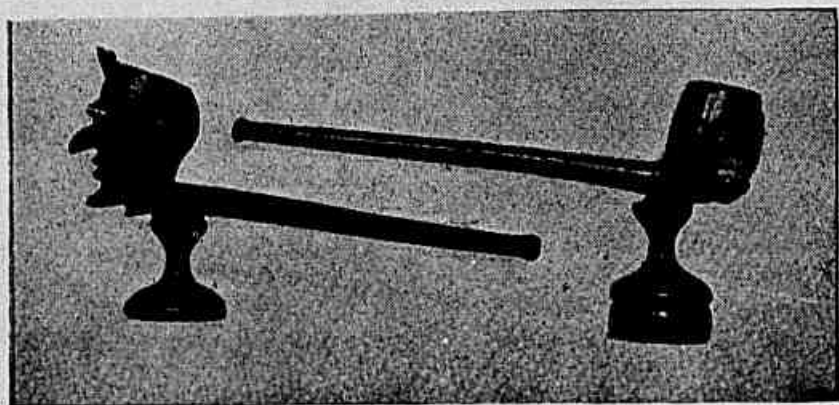


Cachimbo Torre Eiffel e cachimbo em garra de agua.

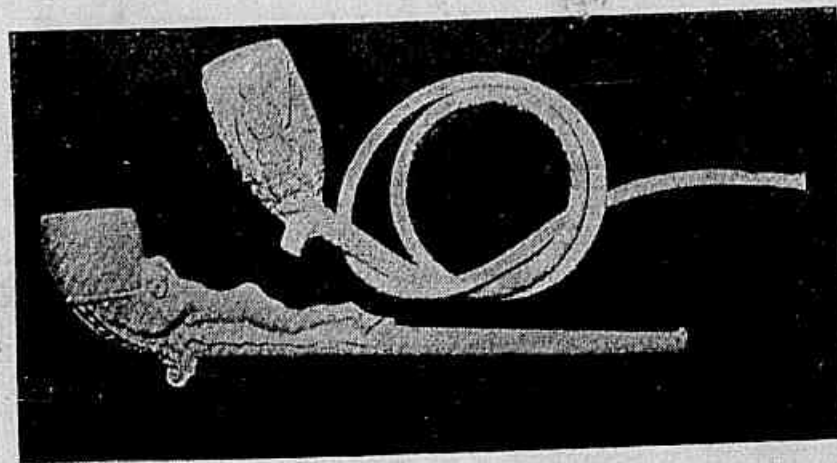
Inglaterra, Hollanda e da propria União Americana. Muitos delles são originaes no desenho e alguns muito artisticos. Quanto ao estylo, variam desde o grotesco ao sublime.

O cachimbo de barro, por via de regra, nem é uma obra de arte nem tem pretenções a isso. Geralmente, obedece a principios strictamente utilitarios, compondo-se de um deposito para collocar o tabaco e de uma chaminé direita para dar tiragem ao fumo. Quando a arte começou a fazer negações á industria dos cachimbos, contentou-se durante muito tempo com ligeiras modificações, taes como uma curva graciosa na chaminé, uma ornamentação floreada ou, quando muito, uma carantonha na fornalha.

A natureza plastica do material com que são confeccionados os cachimbos de barro, presta-se a mil embelezamentos. E assim os fumistas de requintado paladar artistico podem thuribular com o incenso das nuvens perfumadas o perfil das suas visões predilectas: O guerreiro o seu

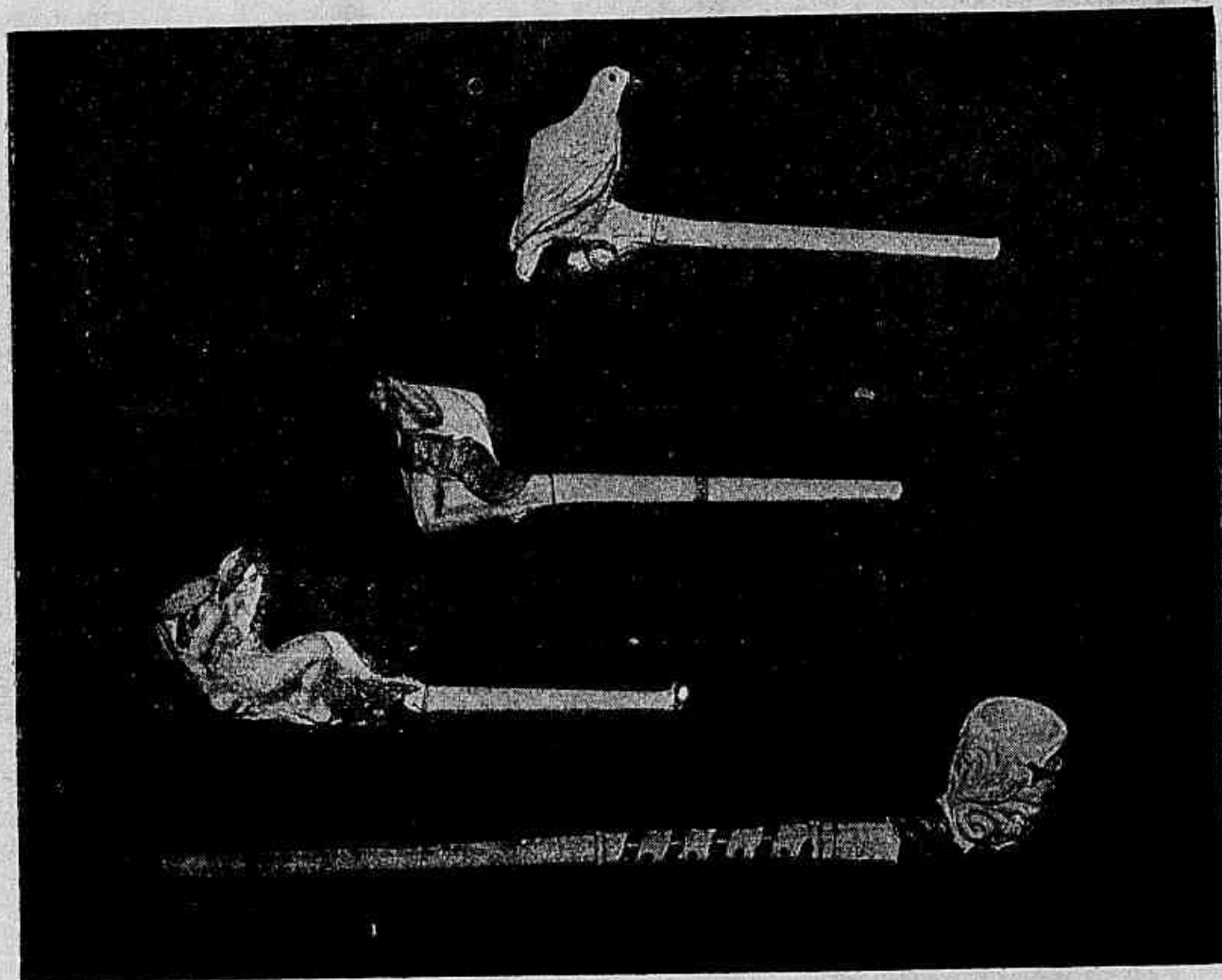


Cachimbo italiano de barro vermelho.



Dous exemplares rarissimos da collecção franceza.

toria, a biographia, a poesia, a mythologia, são disputados com furor pelos colleccionadores e sobretudo pelas colleccionadoras, que nos Estados Unidos formam legião. Ora, ninguem ignora o zelo, o cuidado e a pertinacia que as senhoras empregam nessa innocente mania, buscando e encontrando,



Cachimbos francezes, italianos, allemães e americanos.

com um maravilhoso instincto os exemplares mais raros. Nada as desalenta, nada as dissuade do seu proposito. Algumas das mais ricas e artisticas colleções de caixas de rapé acham-se hoje, na Europa, em mãos de damas da classe aristocratica e o mesmo diremos dos leques, sellos e outras manias similares.



O velho cachimbo «yellow-kid».

A mais antiga manufactura dos cachimbos de barro pertence á Inglaterra, de onde passou para a Hollanda. O comprido cachimbo hollandez de ha muito que é empregado como objecto decorativo, apresentando alguns exemplares excellentes. Os cachimbos de barro são largamente produzidos na Escocia, França, Allemanha e nos Estados Unidos. A França tem, comtudo, a primazia nos objectos que aspiram á cathedra de obras de arte. Nesse particular, Paris e Saint-Ouen são invencíveis. Os cachimbos de barro alli manufacturados revelam um grande dispendio de modelado, uma profunda semelhança nos retratos e um bellissimo acabamento nos esmaltes brancos, pretos ou multicóres. Os assumptos mais communs derivam simultaneamente da historia antiga e moderna, incluindo os acontecimentos de actualidade. Os motivos classicos e populares, poeticos ou humoristicos, as bellezas da fauna e da flora também têm apreciadores.

A Hollanda produz alguns typos deliciosos, sendo um dos typos mais apreciados a marca Peter Dorni, de Gonda. Finalmente, a mania das colleções dos cachimbos é, no momento actual, uma das mais violentas nos Estados-Unidos.

CAIPORA !

Barnabé Soares anda desgostoso da vida! Quer morrer, mas não quer que a sua morte seja attribuida a um suicidio.

Quando soube que tinha reaparecido a bu-bonica deu tres pulos de contente.

Debalde, porém, frequentou os pontos mais infeccionados. O microbio nunca quiz saber delle.

Viajou dous mezes na Estrada de Ferro Central do Brasil, em todos os sentidos. E nem ao menos um pequeno desastre que o consolasse.

De uma feita revestiu-se de animo, e, fingindo-se

embriagado, atirou-se em frente de um bond electrico, no Passio Publico. Encontrou logo um molotneiro de tamanha pericia que conseguiu travar o carro antes que as rodas passassem sobre o corpo do infeliz!

Passeou nas barcas Ferry, levou horas e horas junto a andaimas, atravessou a Guanabara em canoas pequenas, dias de vento forte, ceava como um lorpa, namorou solteiras e casadas, mettia-se em rôlos, frequentava maxixes perigosos, andava na frente das musicas e de todas essas provas sahia sempre são e incolume!

Ultimamente, poz-se á cata de um homem valente, desses que não guardam desaforo na algebeira.

Indicaram-lhe um açougueiro da Praia Formosa.

E o Barnabé dirigiu-se para lá uma manhã destas.

Lá estava o homem, de aspecto terrivel, empunhando uma faca enorme com que talhava carne.

Sem mais preambulos o Barnabé atirou-lhe em rosto uma ladainha de insultos.

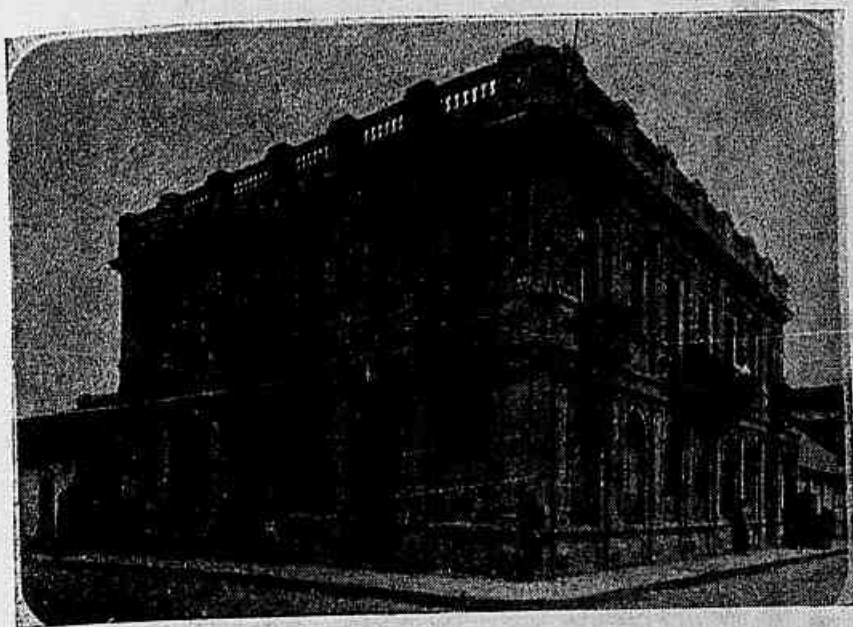
De canalha e ladrão para cima fez-lhe a festa.

E o valente nem pestanejava.

Foi então que um companheiro disse:

— O senhor pode dizer o que quiser. Elle é surdo!

Praf.



Delegacia Fiscal — Curitiba — Estado do Paraná.

COSTUMES...

QUEM frequentar uma casa de família brasileira ha de forçosamente ouvir, a miudo, as seguintes conversações:

— Para mim a melhor fruta que existe é a laranja...

— Ora!... E onde fica o abacaxi!?

— Fallem-me na manga! diz um mocinho sentado na poltrona... A manga da Bahia é a rainha das frutas presentes, passadas e futuras.

— Da Bahia... protesto!... exclama convictamente o Antonico. De Pernambuco, se me faz favor! Mangas, só de Itamaraca.

— E' porque as de Itaparica nunca chegaram para teu bico! redargue o outro.

E entre os dous empenha-se renhida discussão sobre o assumpto.

Entretanto a companhia continúa a discutir frutas.

D. Ignez, com a sua voz debil de pessoa doente, murmura:

— Eu gosto muito de sapoty...

— Para mim não ha como fruta de conde, diz a sra. Thereza com os olhos concupiscentes e a lingua molhada.

— Uma frutinha de que ninguem faz caso, mas da qual eu gosto muito, é o jambo — segreda d. Carolina ao vizinho.

— Jambo? grita o Antonico, que ouviu de longe, isto é fruta de moça. Só tem perfume.

— E que dizem do abio? pergunta o dono da casa com o seu vozeirão grave.

Todos respondem ao mesmo tempo, mas com opiniões disparatadas. Este diz que o abio é enjoativo, aquelle o acha delicioso, outro come mas não gosta; — o Antonico dá fim á polemica berrando:

— Então esqueceram-se do grande abacate?

— Ah! o abacate é commigo! muge um doutor magricela, primo da casa.

— Apoiado. Fruta por excellencia é o abacate! o mais é tolice.

O Antonico faz troça ao dr. Abacate.

D. Thereza, um tudo nada ruborisada, disfarça, murmurando:

— Muita gente aprecia o melão, porém eu não lhe acho graça.

Dividem-se as opiniões sobre o melão, o Antonico grita como um possesso, defendendo-o (com rapé), quando o doutor exclama:

— Vosmecês ainda não se lembraram de uma fruta saborossissima...

Todos se voltam com gesto interrogativo.

— A excellentissima sra. d. Jaca!

Balburdia. As moças delicadas exclamam: oh! oh! As gordas dão com a cabeça, concordando.

Todos riem da jaca.

O incorrigivel Antonico corre agodadamente, derubando uma cadeira, e tomando a mão do preopinante:

— Toque, doutor! Ponham-me em frente de uma jaca molle, que eu a comerei até Bernardo voltar. Pouco me importa com indigestões!

Opinam todos que a goiaba e o marmello só para doce, á excepção do Antonico, que se declara cynicamente papa-goiabas.

Tendo um irmão motejado por causa do seu amor ás goiabas e bananas, o Antonico abespilha-se, e, de pé sobre uma cadeira, troveja:

— A banana é a melhor fruta do mundo! E' o fructo brasileiro por excellencia! Se alguém se astreva a menoscar da banana, cresça e appareça!

Muda bruscamente de tom:

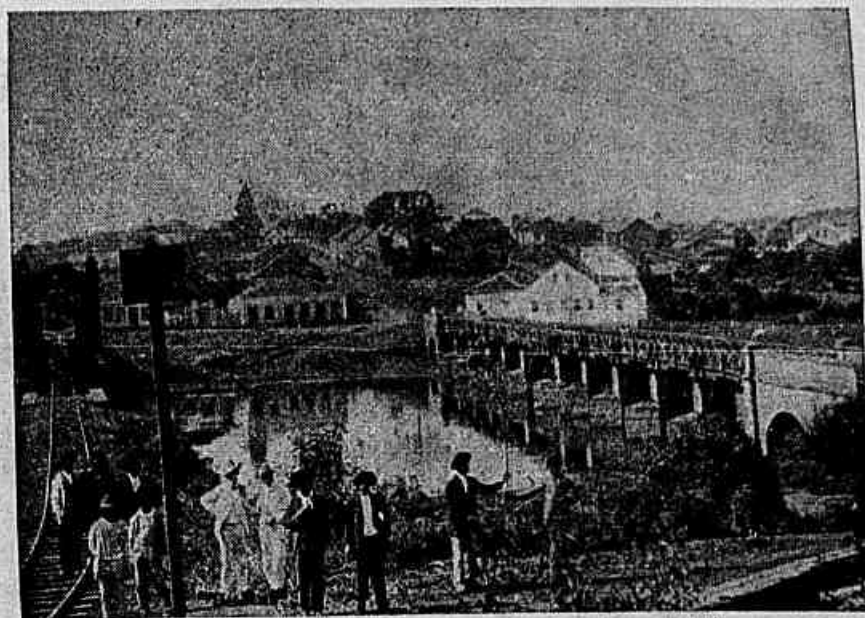
— E esta, padre? Pois não nos iamos esquecendo do grande cajú?

O cajú foi recebido por um coro de aclamações.

Até nhô Cazuzá, um genro barbadão e narigudo que havia sahido da sala, gritou lá do quarto:

— Ah! falle-me no cajú... Isto sim!

— Vejam, replicou o Antonico, se ha phrase mais



As duas pontes sobre o rio Yapó — Castro — Estado do Paraná.

PÁGINA HVALSH

Ouvi uma voz que me disse: «Desventurado, escreve as tuas agonias». Fiquei a pensar no estranho conselho que tão mysteriosamente me chegara e, abancando, solitario, no silencio da minha sala taciturna e fria, sobre uma folha branca de papel deixei a penna correr livre como um ginele selvagem pela vasta e algida solidão de uma steppe.

Toda a noite longa e lenta passou, até que as janellas se foram dourando e o sol alegre de Abril resplandeceu magnifico.

Depois de tão penoso e incessante trabalhar nocturno, por maravilha achei-me diante da mesma folha de papel, branca e virgem, sem o rastro mais subtil do andar da minha penna aligera. Nem uma palavra escripta...

Chega esse papel aos teus olhos, formosa; chega-o bem perto, tão perto que a luz das tuas pupilas radiantes aqueça a tinta sympathica e has de ver as lagrimas que ahi estão encantadas apparecerem vestidas de luto. Pergunta-lhes—que fazem ellas, como coephoras, sobre tão vasta e merencoria nevada? E ellas responderão, em unisono dolente que, são os echos da minha angustia repetindo sempre,

soluçadamente, teu nome tão doce, infiel, crudelissima, inclemente adorada.

Coelho Netto.

A rua está em borborinho por causa do suicidio de um velho telhudo.

— Sabem por que se enforcou?

— Dizem que andava aborrecido.

— Pois é um modo singular de distrahir-se.



A EXCURSÃO DO SR. MINISTRO DA GUERRA A CAMPOS DO JORDÃO — A Cascata Marcehal Mallet, no centro das lombadas Carlos Eugenio e Villela Tavares. (Phot. da Revista da Semana.)

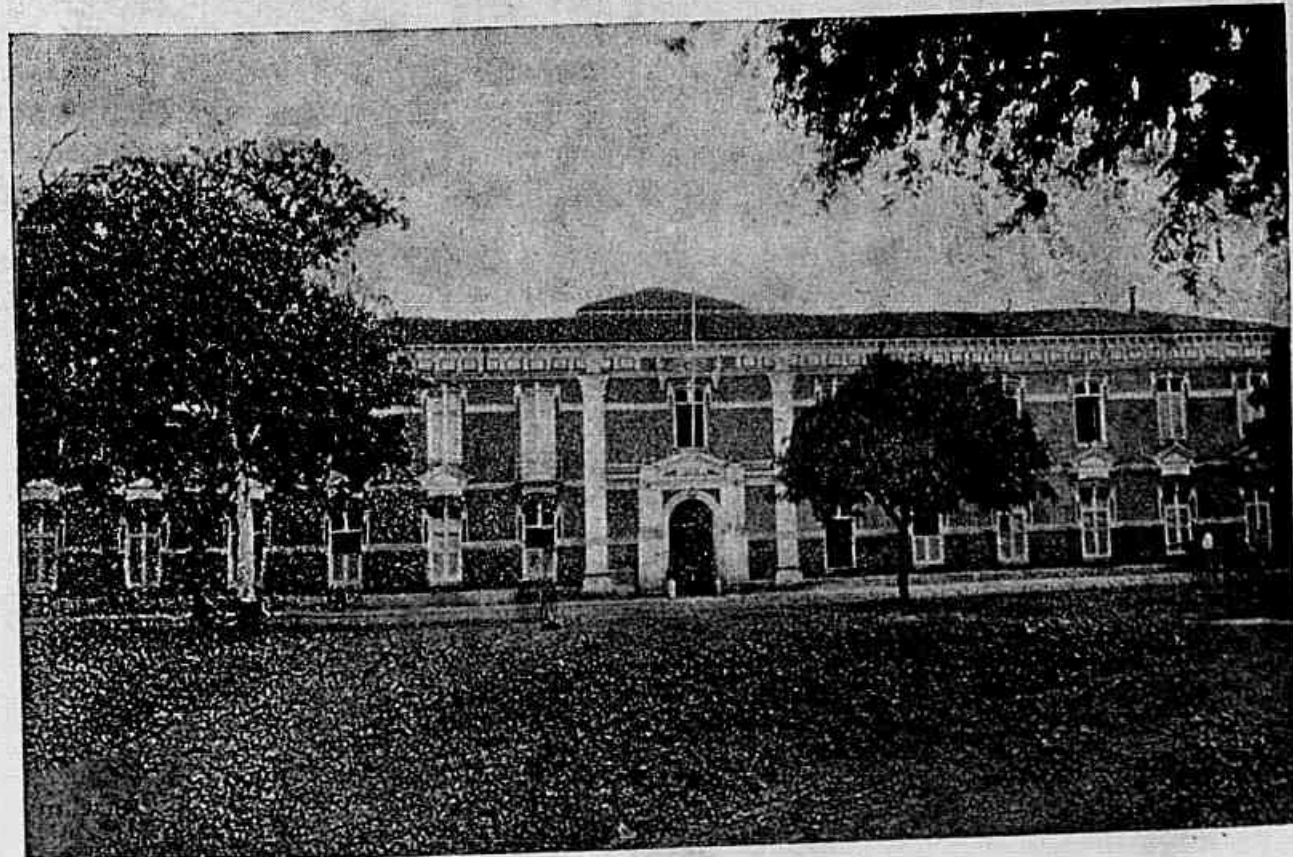
brasileira, mais meliflua, mais dengosa do que esta: — Nhô Cazuzá, mecê qué chupá cajú?

E assim dizendo, o demonio do rapaz estorce-se todo e revira os olhos.

Urbano Duarte.

— Eu acredito na metempsychose e estou muito convencido de que minha alma ainda ha de habitar o corpo de um burro.

— Pois fica certo que não precisas morrer para isso.



Hospital da Misericórdia.



Estrada velha do Anil.

S. LUIZ DO MARANHÃO

GUARDAS MARINHA DE 1874



8 DE JANEIRO
DE
1902

ASPIRANTES DE 1872

ASTOS DIAS
52 - Rua ...
...

Photographias, vistas instantaneas, desenhos e caricaturas

REVISTA DA SEMANA

Edição semanal ilustrada do JORNAL DO BRASIL

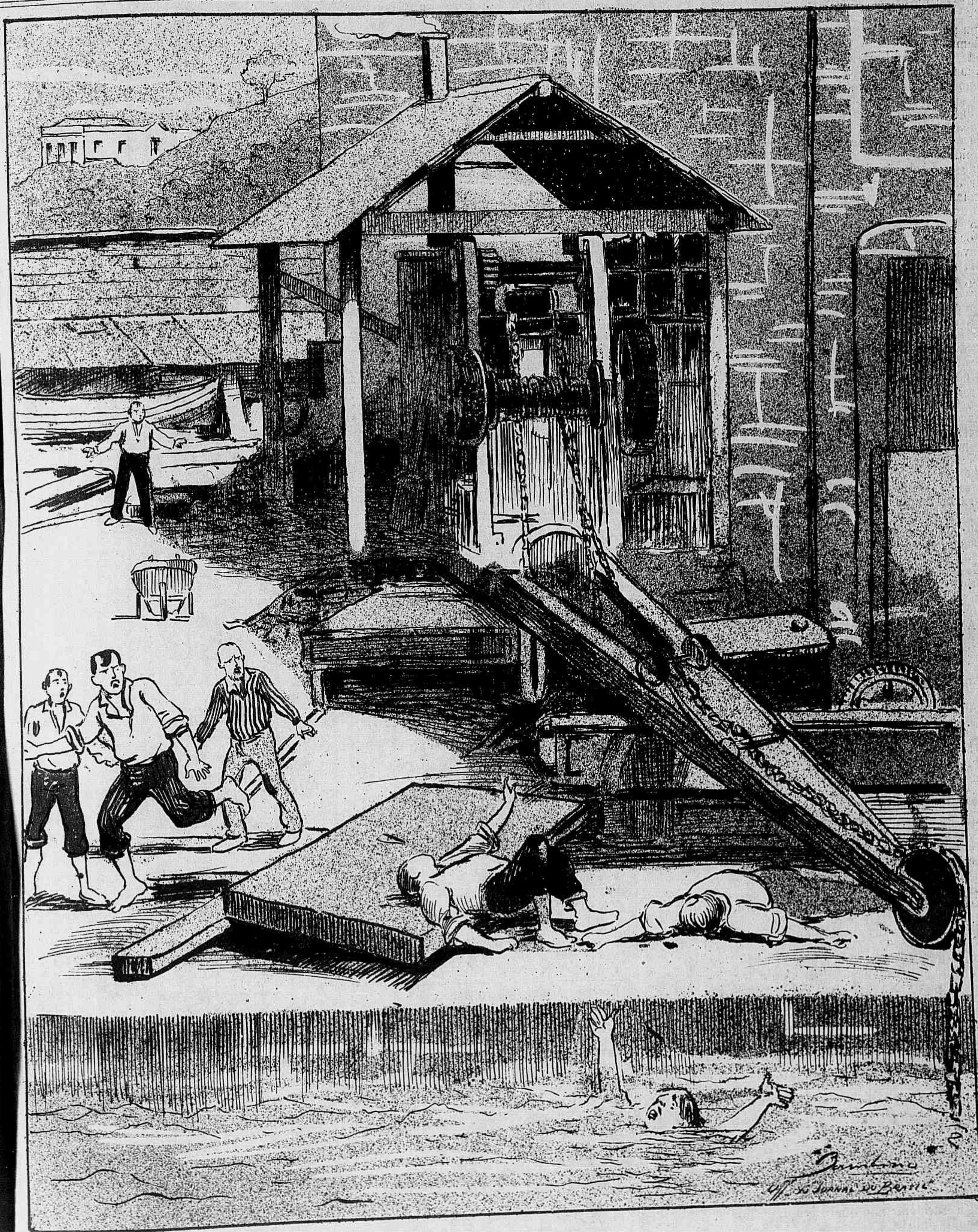
Redactor-gerente, Dr. CANDIDO MENDES — Redactor-chefe, Dr. FERNANDO MENDES DE ALMEIDA — Director-technico, CASPAR DE SOUZA



Anno III — N. 94

DOMINGO, 2 DE MARÇO

Numero : 300 réis



O DESASTRE DE DOMINGO ULTIMO NA MORTONA

RAOUL DE NAVERY (77)

OS IDOLOS

XIII

JOÃO MACHU'

Nem o sarcasmo, porém, nem a injuria attingiam mais aos ouvidos daquelles que iam morrer. Viam o céu de muito perto para importar-se ainda com os pantanaes do mundo. Mais o corpo soffria, succumbia, mais a alma, victoriosa sobre o receio e a dôr, sublimava-se em procura de Deus.

Entre os que oravam na rua e alegravam-se mais com a sanguinaria tragedia de que esperavam o fim, estavam numerosos hospedes habituaes do tio Mathusalem.

Este não abandonára o canto da rua Git-de-Cœur, mas a Anã, sua criada, tanto para dedicar-se aos negocios publicos, como para vigiar o pessoal da sua mesa redonda, estabelecera, na rua Haxo, no meio da calçada, uma tenda, na qual o café, a aguardente e as bebidas mais alcoolicas, indo até á força do vitriolo, disputavam a preferencia dos consumidores.

Este monstro feminino julgára de seu dever exhibir as insignias de suas convicções, e um avental vermelho, como o de um carnicheiro, principiava no seu queixo, em cima do corpinho, e terminava junto a seus grossos pés, que nadavam nos sapatos privados dos canos de bota que antigamente os encimavam.

Ella ria, cantava, agitava-se atraz do seu fogareiro, com a horrivel catadura, recitando phrases do *Père Duchêne* a seus freguezes, annunciando a victoria dos valentes vermelhos, animando os ultimos defensores da communa, para que fizessem ir pelos ares o que restava de Paris.

— Vamos, rapaziada! dizia a Anã. Estaes com medo, ou falta-vos o petroleo? Estaes á espera desses patifes de Versalhes, e acreditaes que elles vos perdoarão, quando vos tiverem nas unhas? Não é dez nem vinte padrecos que deveis prender e matar como cães, mas agarral-os todos, carregar uma metralhadora e dar-lhe volta até que o ultimo desses pregadores do diabo cahisse para nunca mais se levantar. Bonita historia de mudar em corpos de guarda as egrejas: o que era preciso, é a abolição de Deus! Tinheis promettido isso: « Nem ricos, nem padres, nem soldados! todos republicanos! » Estareis por vossa vez, tambem, acanalhados! Pois a occasião era boa! Rolae todos os barris de polvora para os esgotos, e toca a dansar a grande dansa! Quem me quer, que eu gosto de bailar?

— Sempre gaiata, esta Nanica! disse um homem vestido com a farda de commandante dos vingadores da communa.

— Ah! és tu, João Machu! respondeu a Anã. O que queres que te sirva?

— Cossa que queime! respondeu, que queime muito!

A Anã encheu a transbordar um copo de aguardente.

— A' tua saude, Anã! disse João Machu, e responde-me.

— E's tu que pagas?

— Como é justo; tu vendes a tua fazenda, não a gastas.

A Anã encheu dous copo, estendeu um para João Machu, e tocou o outro no do galé.

— A teu casamento! disse elle.

A Anã poz o copo em cima da mesa.

— Não é para rir, João Machu, disse; sabes bem que nunca se achará um homem que acceite a criada de Mathusalem.

— Acreditas?

— Estou certa.

— E jurarias tão depressa como sempre, que nunca, nunca agradaste a alguem?

Subito rubor passou pela cara da hedionda creatura.

— Por que fallas assim, Machu?

— Por que, respondeu o commandante dos vingadores da communa, encontrei o outro dia um sujeitinho por quem muito te interessas.

— Mathusalem, talvez?

— A esse tu serves, mas não o amas.

— Quem é, então?

— Flor-do-Patibulo.

— Tu o viste?! exclamou a Anã, correndo para o galé.

— Vi-o.

— Onde?

— Na prefeitura de policia; faz parte dos vingadores.

— E se os soldados de Versailles o agarrarem?

— E' provavel que lhe faltaria tempo para casar-se contigo.

— Basta de brinquedos como este! disse a criada de Mathusalem; não quero que o prendam, por que o matariam!

— Ah! está! Ah! está! só com a idéa do perigo que corre, já mostras as unhas e dentes. Quando eu te dizia...

— Diziais uma tolice, respondeu friamente a Nanica. Não quero que elle seja agarrado, é ver-

dade, mas só eu sei, eu só, ouves, João Machu, o motivo por que a sua vida me é cara.

— Não tens confiança nos amigos; é mal feito.

— Sabes onde elle está agora?

— Como queres tu que de um dia para outro se saiba onde as pessoas vão parar, pelos tempos de espingardeamento como o actual? Amanhã, talvez, tu e eu estaremos mortos, minha Nanica.

— Eu, logo que vir dar cabo dos que rinham as suas litanias de dentro dessa adega, voltarei para a casa paternal de Mathusalem. Se Flor-do-Patibulo carecer de asylo, mandem-no, tenho um esconderijo. Pódes acompanhá-lo se quizeres, Rato de Adega.

— Oh! muito pouco me conheces, Anã! Eu esconder-me! Hão de achar-me atraz da ultima bar-ricada, com o ultimo vingador da communa, e ju-ro-te que não me agarrarão vivo! Defendi a pelle emquanto foi possível; se a partida está perdida para nós, farei saltar o toutiço em qualquer canto.

(Continua.)



RECREAÇÕES

As soluções dos problemas publicados no nosso numero passado são as seguintes:

Da charada castello-vidense, *Arrelia*; da charada benedictina, *Maca*; e da charada josephinica, *Apoa*.

Paladino, Aguinaldo, Hidalgo, Nicephoro, Carmen, Clio, Boer, Carmelita, Francisco Telles e Carlota Morena solveram todos os tres problemas; Glorinha, Dudú, Dagmar e Heitor Lima os dous primeiros; Nhatinha, Marilia e Gondoleiro os dous ultimos.

Para hoje apresentamos:

CHARADA ARCHI-NOVISSIMA (*Aymoré*)

3-2-4-3-3—Melancholia em cima de satisfação, duplo cansaço.

CHARADA NÉO-BISADA (*Hidalgo*)

2-3—S O a mulher faz escarneo.

CHARADA GUARANY (*Pery*)

2—A briga tem seu traço.

TORNQUETE

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 78

Deitando pelos olhos dos circumstantes.

PROBLEMA N. 79

Quaes são os devedores que nunca faltam ao pagamentos?

CORRESPONDENCIA

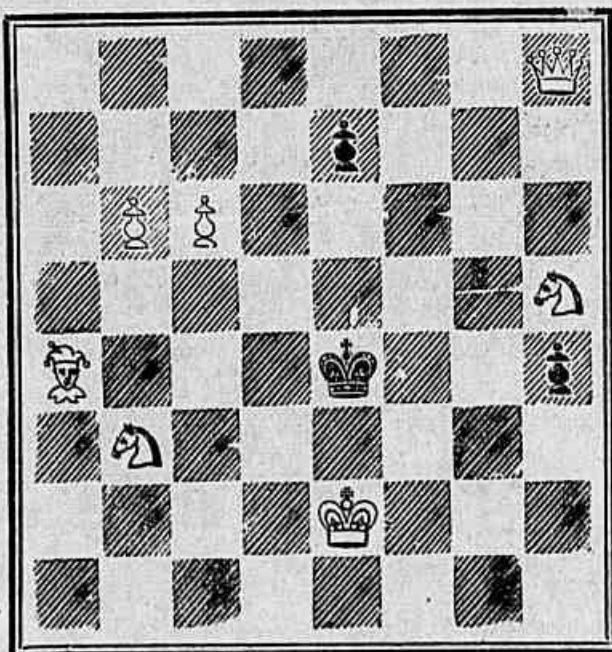
Aymoré e Boer. — Recebemos.

Archimedes Junior.

XADREZ

PROBLEMA N. 115 — DR. THEOPHILO TORRES (Rio)

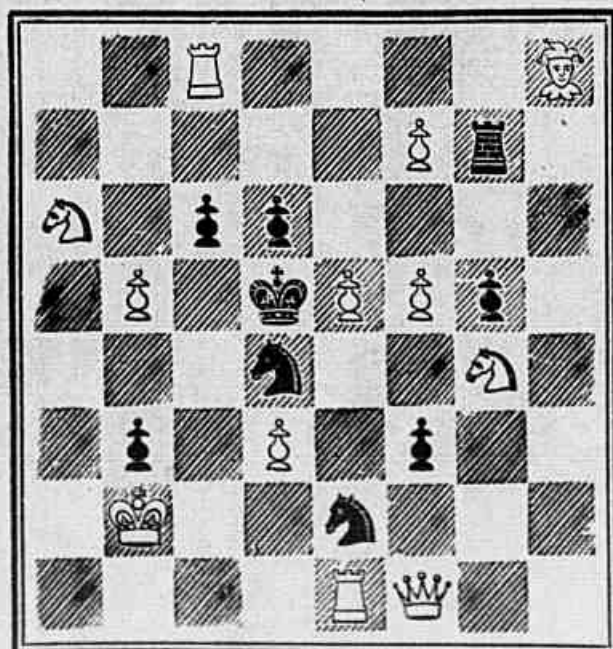
Pretas (3)



Branças (7) — Mate em 3 lances

PROBLEMA N. 116 — DR. ANTONIO PIRES (Rio)

Pretas (9)



Branças (12) — Mate em 2 lances

Solução do problema n. 111 (Dr. Antonio Pires)

1—C 6 B, R 5 D—2—C 4 R x etc.
1—....., R 3 D ou P x C—2—D 2 T x etc.
1—....., P 5 B, T 6 T ou C 7 R—2—C 5 C x etc.
1—....., outra—2—C 4 R—x, etc.

Solução do problema n. 112 (Capó)

1—D 4 C D, P 4 R—2—D 4 R x, etc.
1—....., P 5 D—2—D x P D, etc.

Resolvidos pelos srs.: Theo, Lafs, Silvano, Mlle B. E., Vedo, Alipio de Oliveira, Jofemo, Roberts, Dr. B. C. R. (Palmyra), Dr. C. L., Caissano e Salvio; n. 112, Anto e 109 (anterior) K. R.

EN PASSANT

Deve inaugurar-se hoje, no edificio do Cassino Fluminense, sede do Club dos Diarios, a sala de xadrez, onde, a convite da distincta directoria deste club, se installará o Centro Enxadrista desta Capital.

A sala destinada a essa diversão é a que fica á direita de quem entra, a mesma em que se effectuou o match telegraphico Brasil-Argentina.

E' um grande serviço que o Club dos Diarios presta ao aristocratico jogo de xadrez, facultando um local verdadeiramente digno dos insignes cavalheiros que o cultivam.

Partida n. 37 — (Gambito Evans)

(Com o partido do C. D.)

Branças (Zukertort)

1 P 4 R
2 C 3 B R
3 B 4 B D
4 P 4 C D
5 P 3 B D
6 Roque
7 P 4 D
8 D 3 C D
9 P 5 R
10 B 5 C R
11 T R 1 R
12 C x P R
13 T x C x
14 P x P
15 T 1 D
16 T x B!
17 D x P
18 D x T x!

Pretas (C. W. Phillips)

P 4 R
C 3 B D
B 4 B D
B x P
B 4 T D
P 3 D
P x P
D 3 B R
P x P R
D 3 C R
B 3 C D
C x C
R 1 B
B x P
P 4 B D
B 3 R
T 1 B D
Abandonam.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a redacção do JORNAL DO BRASIL, á rua Gonçalves Dias n. 54, «Secção de Xadrez».

Heibas.

LOTERIA ESPERANÇA

EXTRACÇÕES DIARIAS

EM

NICTHEROY e ARACAJU'

Os bilhetes acham-se á venda em todas as localidades do Brasil e especialmente na agencia geral á rua Visconde do Rio Branco n. 67, Nictheroy — O representante da companhia, M. MELLO.

LOTERIAS DA CANDELARIA

Em beneficio do Recolhimento de N. S. da Piedade

Sob a immediata responsabilidade da mesma Irmandade, decretos municipaes ns. 543, 7 de maio de 1898 e 779, de 3 de novembro de 1900

PREMIO MAIOR

20:000\$000

Acceitam-se pedidos de numeros certos para todas as loterias. Os pedidos do interior devem vir acompanhados do respectivo sello. As encomendas são respeitadas até a vespera do dia da extracção.

As vendas verificam-se até uma hora antes da extracção.

AGENCIA GERAL

88 RUA DOS OURIVES 88

O AGENTE GERAL.

JOSÉ JOAQUIM DO ROSARIO.

LYCETOL GRANULADO EFFERVESCENTE

Preparado pelos Pharmaceuticos

CARVALHO, GIFFONI & C.

O Lycetol (tartrato de dimethyl piperazina) é o mais poderoso dissolvente do acido urico, e, sob a forma agradável e elegante de *granulado effervescente*, corresponde ás seguintes INDICAÇÕES

Diathese urica, areias, calculos biliares, e vesicaes, inflammções dos rins e da bexiga, reumatismo, gota, dermatoses inflammatorias, arterio-sclerose, colicas, nephriticas, etc., etc.

MODO DE USAR:

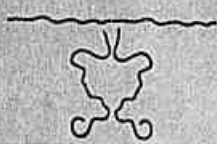
Toma-se pela manhã, ao meio-dia e á noite, na dose ao conteúdo de uma a duas medidas (das que acompanham o frasco) de uma vez, dissolvido em agua simples ou em outro liquido, ou então ás refeições, segundo a recomendação do medico. (*Vide a Bulla*).

PHARMACIA E DROGARIA, DE CARVALHO, GIFFONI & C.
8, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 8
RIO DE JANEIRO

PRODIGIOSA PREPARAÇÃO

CONTRA A CASPA
e a queda do cabello

Efeito
certo em oito
dias

**VENDE-SE****EM**

todas as casas de per-
fumarias

DEPOSITOS:

Casa Merino, rua do Ouvidor
n. 129, e rua Gonçalves Dias n. 57.

TONICO RODRIGUES**DENTES ARTIFICIAES****A. F. de Sá Rego****ESPECIALISTA****1 RUA GONÇALVES DIAS 1**

—) E (—

212 PRAIA DE BOTAFOGO 212**A SUL AMERICA**

é a mais importante

**COMPANHIA DE SEGUROS
DE VIDA**

Funcionando no Brasil

Possue fundo de garantia — Realizado em di-
nheiro e superior a Rs. 8.500:000\$000

Já emittiu seguros no valor superior a
Rs. 100.000.000\$000

Pagou por sinistros mais da Rs. 2.500:000\$000.

Unica Companhia Brasileira que funciona
nas Republicas Argentina, Uruguay, Chile, Peru,
Bollvia, Equador e Paraguay

SÉDE SOCIAL

56, Rua do Ouvidor
RIO DE JANEIRO

**COMPANHIA
DE****Loterias Nacionais do Brasil**

SEDE: CAPITAL FEDERAL.

RUA NOVA DO OUVIDOR 92 e 92 A

Caixa do Correio n. 41

Endereço telegraphico — LOTERIAS

LOTÉRIAS DA CAPITAL FEDERAL

EXTRACÇÕES Á RUA S. JOSE' N. 92

LOTÉRIA DA CAPITAL
EXTRACÇÃO

SABBADO 1º DE MARÇO

ÁS 3 HORAS DA TARDE

N. 44 — 44^a**50:000\$000**

Inteiros 6\$000, oitavos 750 réis

Sabbado 8 de março proximo

ÁS 3 HORAS DA TARDE

N. 75 — 9^a**200:000\$000**

Inteiros 15\$000 — Vigésimos 750 réis

Os bilhetes acham-se á venda nas agencias geraes
de Camões & C., becco das Cancellas n. 2 A, endereço
telegraphico PEKIN, caixa do Correio 946 e Luiz Vel-
loso & C., rua Nova do Ouvidor n. 10, endereço tele-
graphico LUZVEL, caixa do Correio 817, as quaes só
recebem em pagamento e pagam bilhetes premiados
das loterias da Capital Federal e encarregam-se de
quaesquer pedidos, rogando-se a maior clareza nas
direcções.

Acceitam-se agentes no interior e nos Estados, dan-
do-se vantajosa commissão.

PHOTOGRAPHIA

Grande sortimento de material photo-
graphico, recebido directamente; machi-
nas, chapas, papeis, productos chimicos,
etc., etc.

Acaba de sahir do prelo a nova edi-
ção do catalogo, contendo as formulas
usadas pelos principaes photographos e
amadores desta Capital e da Europa.

—«DISTRIBUIÇÃO GRATUITA»—

BASTOS & DIAS**52 Rua Gonçalves Dias 52****SOBRADO****JEZLER**

E' o fabricante de charutos mais antigo
e mais acreditado da Bahia. Emprega para
a confecção de seus charutos — fumo velho
de safras anteriores — Experimentem as
marcas: CONCORDIA, IRMÃS, BENJAMIM,
VICTORIA, CREME e AROMATICOS.

A' venda em todas as charutarias**E NO****DEPOSITO DOS AGENTES****BOREL & C.****62 Rua da Quitanda 62****A Equitativa**

Sociedade de seguros mutuos sobre
a vida, terrestres e maritimos

EMITTE APOLICES
de seguro de vida com resgate em dinheiro
mediante sorteio annual em
vida do segurado, desde o primeiro anno
de seguro.

Seguros realizados. . . . 85.000:000\$000

Pedir prospectos na

SÉDE SOCIAL Á

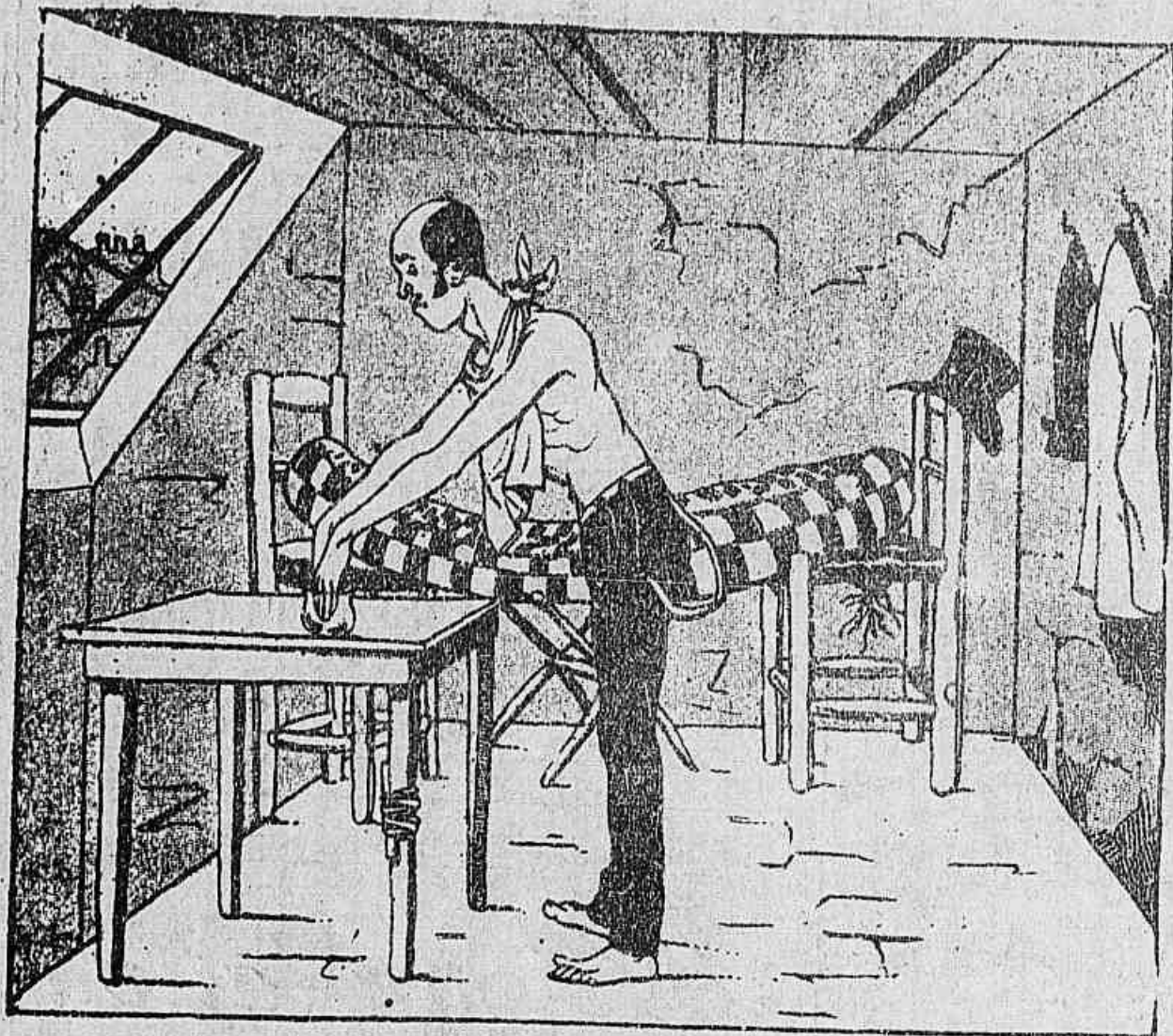
7 RUA DA CANDELARIA 7**Companhia Typographica do Brazil****GRANDE FUNDIÇÃO DE TYPOS****Rua dos Invalidos, 93 — RIO DE JANEIRO**

Representante dos principaes fabricantes da Allemanha e França

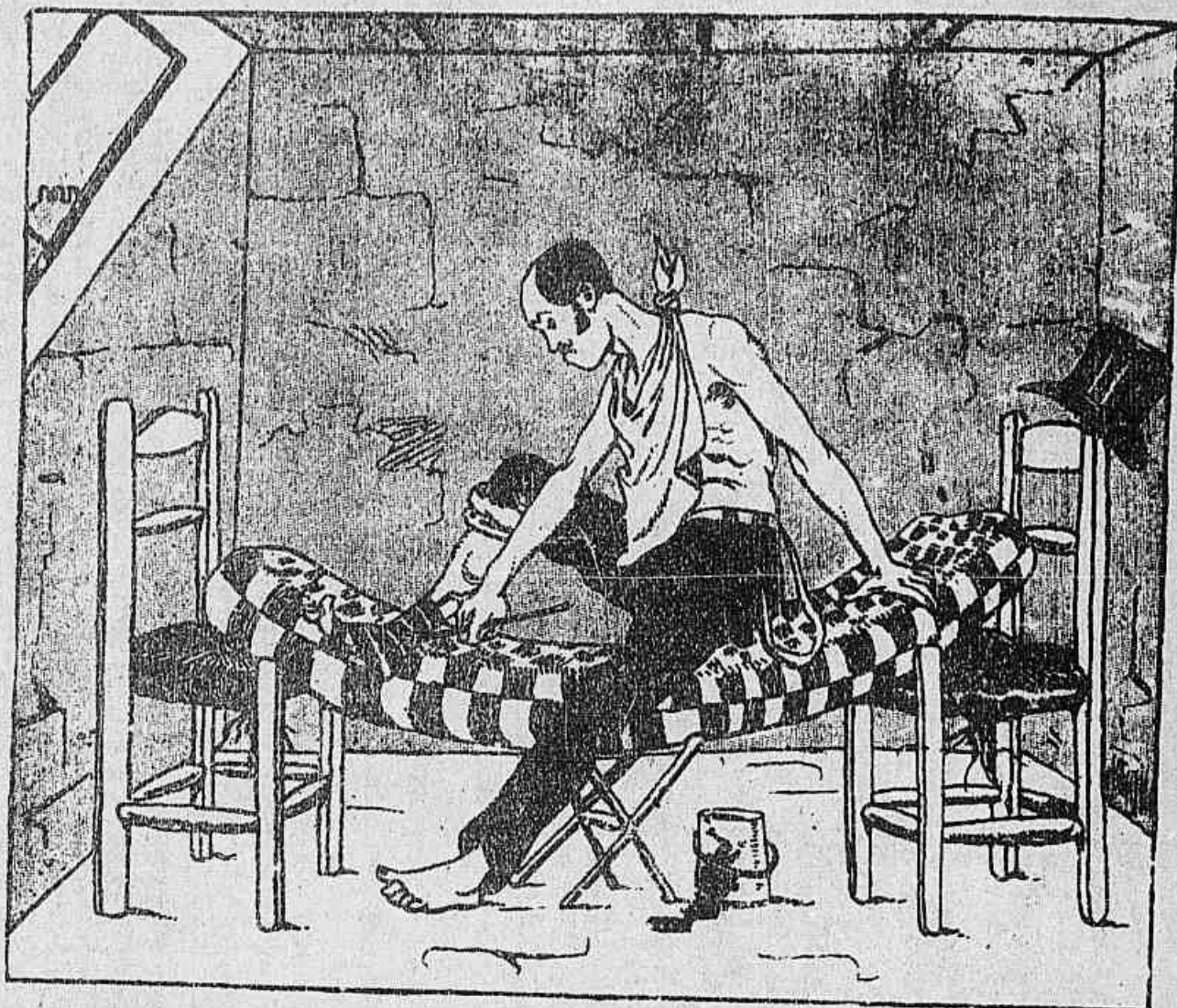
TEM SEMPRE em deposito grande quantidade de typos para obras e de fantasia.
ENCARREGA-SE de montar officinas typographicas para jornaes e avulsos, e mandar vir machinas de
impressão de todos os systemas.



ARISTOCRACIA POBRE, Por JOB



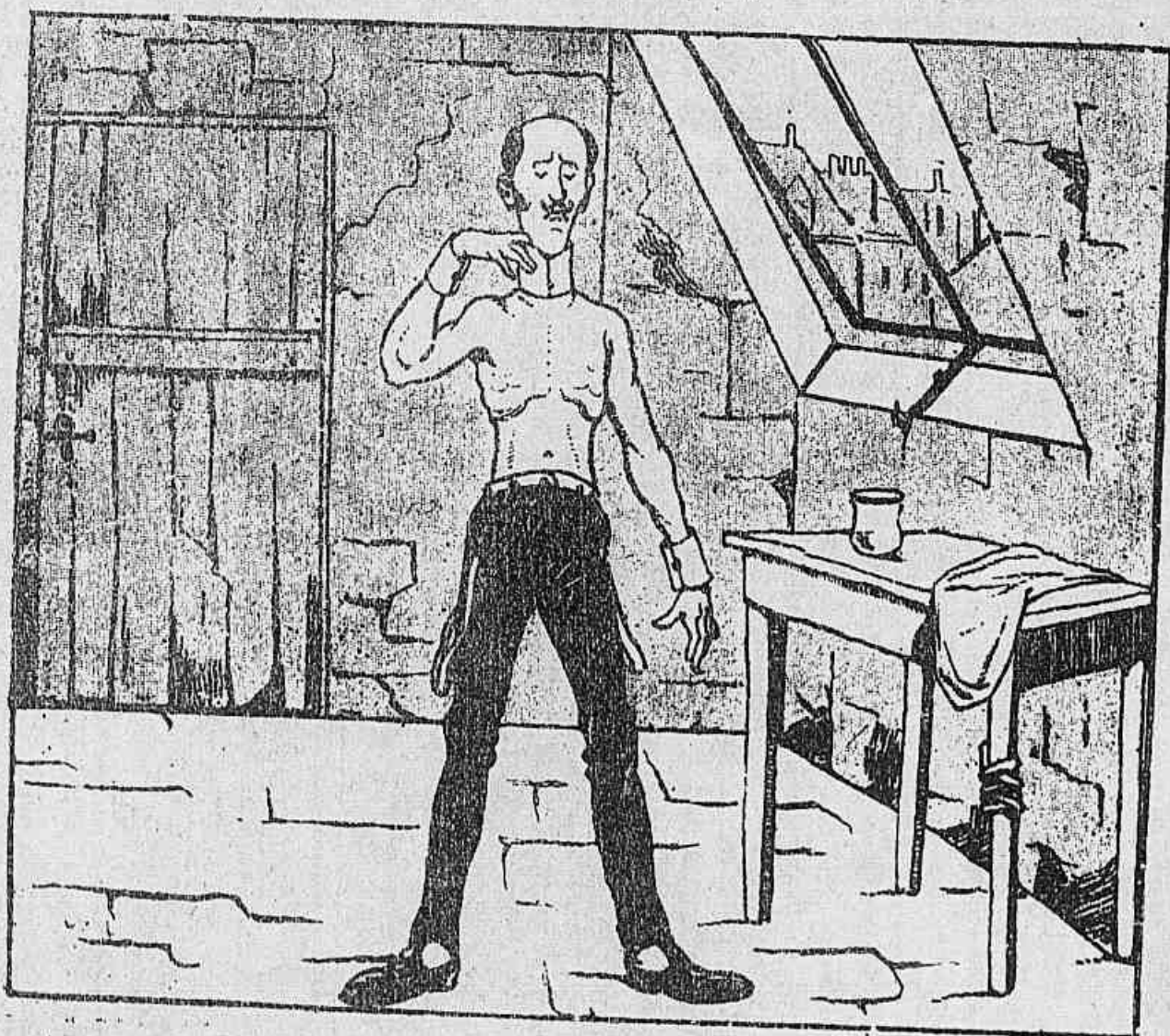
O visconde Simplicio Militão é pauperrimo. Levanta-se mal desponta a manhã e faz a sua toilette num copo de pequenas dimensões.



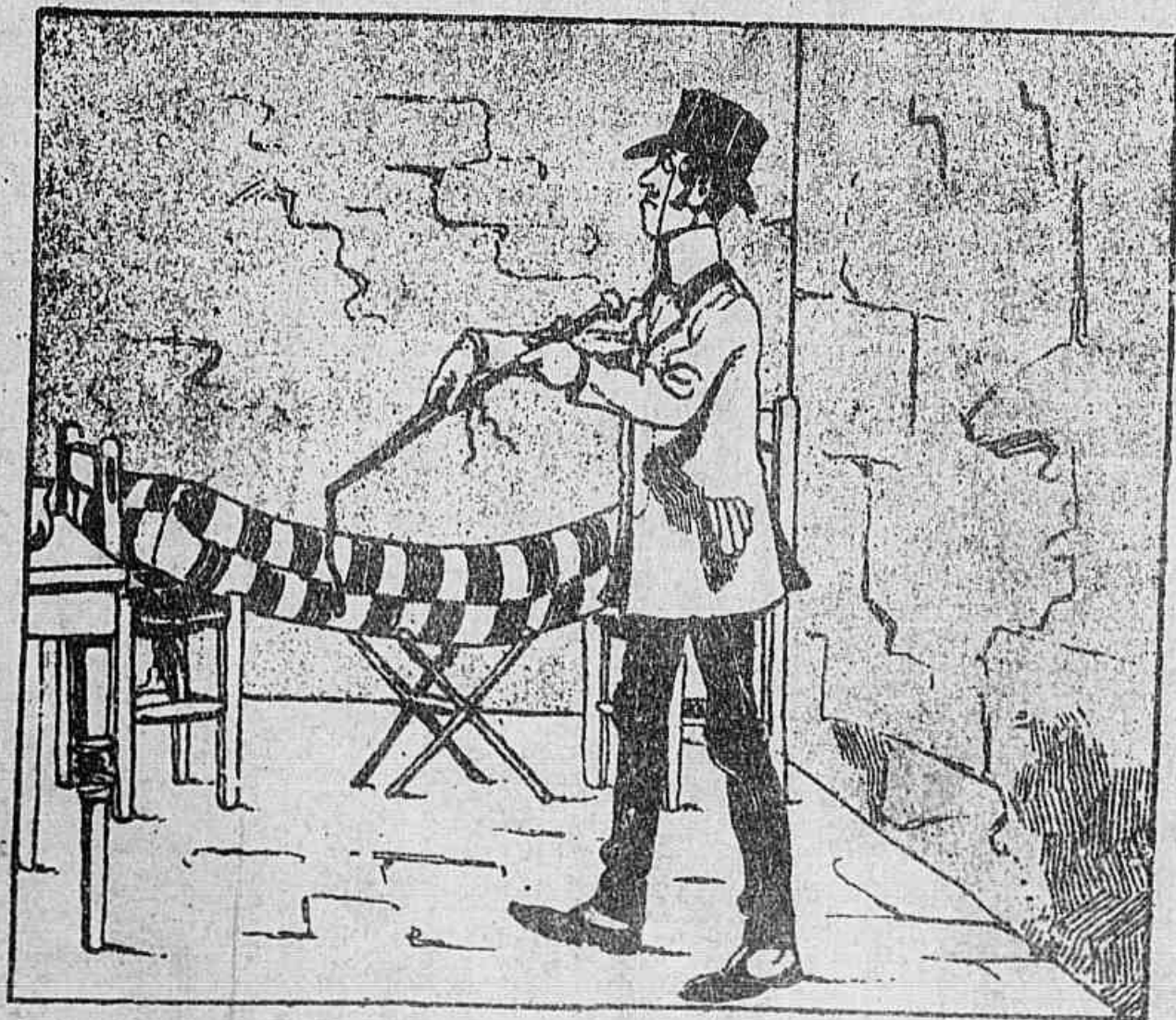
Pinta as meias com cores combinadas.



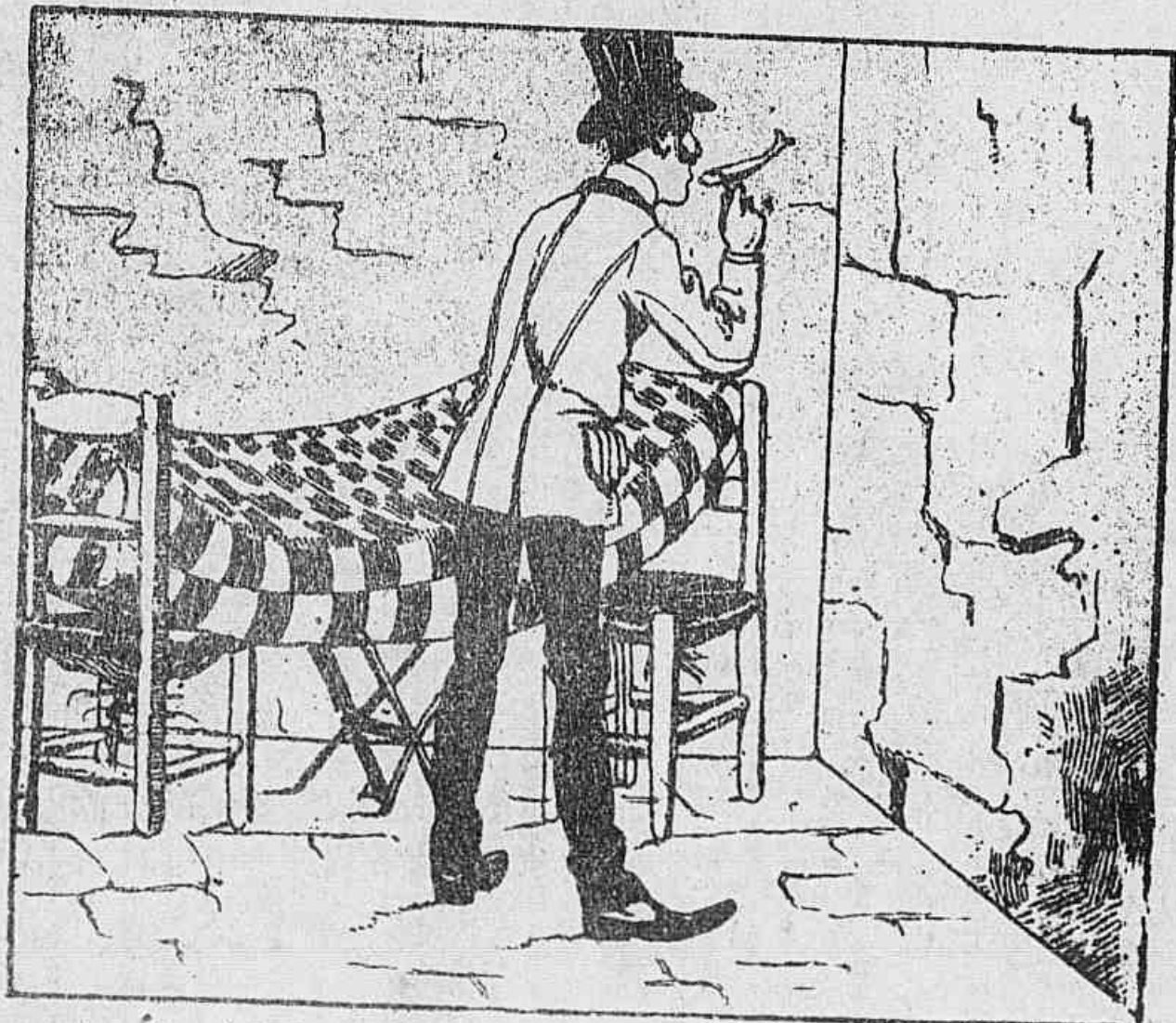
Depois enverniza as botinas e faz-as seccar por meio de um leque japonês.



Antes de vestir o paletot colloca os punhos e o collarinho.



Eil-o vestido dos pés á cabeça. Prepara então o seu guarda-chuva, mettendo a bengala em uma capa de panno.



Antes de sair de casa come qualquer cousa, na falta de pão e leite... E agora toca a flunar, a todos encantando com a sua elegancia.